

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Instituto de Arte e Comunicação Social

LUCAS SILVA BUENO

A imprensa de chuteiras

Análise comparativa entre as coberturas das Copas do Mundo de futebol de 1950, pelo Jornal dos Sports, e 2014, pelo Lance!

Niterói

2015

Projeto Experimental em JORNALISMO

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS)
Curso de Comunicação Social

A IMPRENSA DE CHUTEIRAS

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS COBERTURAS DAS COPAS DO
MUNDO DE FUTEBOL DE 1950, PELO JORNAL DOS SPORTES, E DE 2014,
PELO LANCE!**

Projeto Experimental apresentado
por Lucas Silva Bueno (11130068)
como requisito obrigatório para a
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social – habilitação
Jornalismo – sob a orientação do
Professor Dr. João Batista de Abreu
Júnior.

IACS/UFF
Niterói
Novembro de 2015

PARECER

Aos 9 dias do mês de Novembro de 2015, reuniu-se no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense a Banca Examinadora designada para avaliar o Projeto Experimental de Lucas Silva Bueno, matrícula UFF 11130068, habilitação Jornalismo, sob o título Imprensa de chuteiras: Uma análise comparativa entre as coberturas das Copas do Mundo de Futebol de 1950 pelo Jornal dos Sports, e de 2014, pelo Lance!.

Em sessão secreta, a Banca deliberou pela: (X) aprovação () reprovação

do(a) aluno(a), com a nota 9,5 (~~.....~~ ~~(.....)~~).

A monografia trata um painel detalhado sobre o tratamento editorial de dois importantes jornais segmentados (Jornal dos Sports e Lance!) nos dois copos do mundo de futebol que o Brasil sediou. Destaca-se a pesquisa iconográfica que enriquece o relato descritivo.

Niterói, 9 de Novembro de 2015

Orientador(a):

NOME: JOÃO BATISTA DE ADEU ASSINATURA: 

Banca:

NOME: FÁVIA CLEMENTE ASSINATURA: 

NOME: ILDO DE OLIVEIRA ASSINATURA: 

Aos meus amigos e amigas. À minha família.

Fico devendo essa!

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal produzir uma análise comparativa entre as coberturas jornalísticas das Copas do Mundo de 1950 e 2014, baseada em leituras sistemáticas dos jornais impressos “Jornal dos Sports” e “O Lance!”, no intervalo de tempo referente à duração dos torneios de futebol citados. Para tanto, lançamos mão tanto da Análise de Conteúdo quanto da Análise do Discurso para investigar os problemas e as respostas para as perguntas pertinentes a este trabalho.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	07
2. DISCURSO E IDEOLOGIA.....	11
3. APITO INICIAL.....	15
3.1. Patriotismo e rivalidades	19
4. JORNAL DOS SPORTS, DE 1931 A 1950	23
5. O LANCE!	29
5.1. O modelo de jornal	30
6. A COBERTURA DA CAMPANHA BRASILEIRA PELO JS	33
6.1. Brasil x México	33
6.2. Brasil x Suíça	36
6.3. Brasil x Iugoslávia	39
6.4. Brasil x Suécia	40
6.4.1. Anexo A	42
6.5. Brasil x Espanha	43
6.6. Brasil x Uruguai	45
6.6.1. Anexo B	50
6.6.2. Anexo C	50
7. A COBERTURA DA COPA DE 2014, PELO DIÁRIO LANCE!	51
7.1. Brasil x Croácia	51
7.2. Brasil x México	54
7.3. Brasil x Camarões	55
7.4. Brasil x Chile	56
7.4.1. Anexo D	59
7.5. Brasil x Colômbia	60
7.6. Brasil x Alemanha	61
8. ANÁLISE COMPARATIVA DAS COBERTURAS	63
8.1. A linguagem jornalística na cobertura	63
8.2. Troca de passes com o <i>Jornal dos Sports</i>	66
8.2.1. Troca de passes com o <i>Lance!</i>	69
9. APITO FINAL	71
10. BIBLIOGRAFIA E ANEXOS	74

1. Introdução

Nas duas oportunidades em que sediou o torneio máximo do futebol, a Copa do Mundo, o Brasil viveu suas maiores e aterradoras derrotas esportivas. Dois insucessos categóricos justamente naquela modalidade pela qual o país seria conhecido e identificado em todo o planeta. Em 1950, o Estádio Municipal do Maracanã, lotado por mais de 200 mil pessoas, assistiu à vitória de virada do aguerrido time uruguaio sobre a seleção brasileira.

É certo afirmar que os adversários não nos consideravam ainda, pelo menos até o início do torneio, uma grande potência do futebol. Deixemos bem claro: os adversários. Para a imprensa esportiva, para os torcedores que compareceram ao recém-construído e então maior estádio do mundo e para os espectadores que acompanhavam a transmissão pelas emissoras de rádio, o Brasil já era indubitavelmente o país do futebol. Só nos faltava uma condecoração oficial. Que não veio. Pelo contrário. Em lugar da insígnia, viera um carimbo, que tatuara as palavras “derrotados” e “incapazes” na testa de jogadores, torcedores e de alguns jornalistas esportivos. Difícil imaginar o que poderia ser pior. Ainda assim, o *Jornal dos Sports*, dirigido pelo jornalista Mário Filho, estampou na capa, logo após a peleja: “Uruguai, campeão mundial, de fato; mas o Brasil, melhor *team* do mundo”.

Passado um tempo, precisamente 64 anos e cinco títulos mundiais depois, a Copa do Mundo regressava ao Brasil. Agora sim, com as devidas condecorações, o país do futebol. Mas, curiosamente, o otimismo e a convicção em relação às chances de título não eram tão explícitos se comparados com 1950. Até a fatídica derrota para a Alemanha, a seleção tornou-se alvo de uma rajada de críticas da imprensa esportiva e de torcedores insatisfeitos com as atuações tática e tecnicamente decepcionantes, embora vitoriosas, durante a competição. Torcida e imprensa contavam com a possibilidade de fracasso.

Mas não da forma como foi. O Brasil sequer atuou no Maracanã, oficialmente Estádio Jornalista Mário Rodrigues Filho. Talvez somente nas tragédias de Nelson Rodrigues, irmão caçula do homenageado, fosse possível um vexame tão humilhante quanto aquele 7 a 1, no Mineirão, no dia 8 de julho de 2014, agora o maior revés da história da seleção brasileira.

Sem dúvida, seria muito difícil imaginar o que poderia ser pior. Na edição publicada após a partida, o *Lance!* trouxe uma capa completamente em branco, com somente um texto, após a derrota: “Indignação, revolta, dor, frustração, irritação,

vergonha, pena, desilusão... Diga o que está sentindo e faça você mesmo essa capa do *Lance!*”, com fontes tipográficas imitando letras de forma feitas à mão. Apenas a logomarca do jornal e o número da edição, além do preço, constam na primeira página da edição publicada na quarta-feira, 9 de julho de 2014.

Como podemos ver, os jornais repercutiram as derrotas de maneiras opostas. O *Jornal dos Sports* preferiu amenizar a perda e levantar a estima da seleção e do leitor. Por sua vez, o *Lance!* optou por reforçar o sentimento de indignação do público-torcedor após a derrota. Por que as diferenças de tratamento e reação? Embora as razões pareçam óbvias, essa é apenas uma das respostas, talvez a menos importante, que buscamos com essa pesquisa. Há outras questões mais pertinentes e que julgamos capazes de fomentar estudos mais abrangentes sobre as transformações no modo de se fazer jornalismo esportivo. Dentre elas podem perguntar quais as diferenças entre as coberturas jornalísticas durante o torneio? Será que em 1950 cobria-se as outras equipes? A Copa do Mundo ocupava tanto espaço e tinha tanta relevância pública quanto em 2014? Havia um discurso nacionalista explícito nas matérias?

Esse emaranhado de questionamentos deu forma ao objetivo principal deste trabalho: produzir uma análise comparativa entre as coberturas das Copas do Mundo de 1950, pelo *Jornal dos Sports*, e de 2014, pela edição do *Lance!* publicada no Rio de Janeiro.¹

A primeira razão para delimitação dos objetos foi o fato de que são periódicos incluídos na categoria “publicações segmentadas”. Tratam exclusivamente de temas esportivos. A segunda foi a relevância de ambos em termos de audiência. O *Jornal dos Sports* ostentava em sua capa o título de “o diário esportivo de maior circulação na América do Sul”, enquanto que o *Lance!* liderava o segmento e aparecia como o 14º jornal de maior circulação no Brasil, segundo a pesquisa mais recente, divulgada pelo Associação Nacional de Jornais, tendo como fonte o Instituto Verificador de Circulação, em 2014.²

O terceiro motivo deu-se, em consequência das primeiras razões explicitadas, pela relação icônica que os veículos apontados estabelecem com o jornalismo esportivo nacional. Pode ser difícil encontrar artigos e obras que tratem do segmento sem citá-los.

¹ O diário *Lance!* publicava duas edições durante a Copa do Mundo: uma no Rio de Janeiro e outra em São Paulo. Antes disso, entretanto, o periódico chegou a publicar edições em Minas Gerais e no Paraná.

² A pesquisa pode ser consultada no endereço eletrônico www.anj.br/maiores-jornais-do-brasil/.

Consideramos também a facilidade de acesso aos exemplares e a variedade de estudos sobre o JS e o *Lance!*, outra justificativa para a eleição dos diários como *corpus* dessa pesquisa.

A fim de recortar um período específico, a cobertura durante as Copas do Mundo, estipulamos para cada jornal um intervalo de edições a serem analisadas. No Jornal dos Sports, consultamos os exemplares veiculados entre 23 de junho de 1950 e 18 de julho de 1950. Para o *Lance!*, observamos as edições lançadas entre 11 de junho de 2014 e 14 de julho de 2014. Ou seja, selecionamos os exemplares publicados desde o dia anterior à partida de abertura até o dia seguinte à final de cada torneio. Assim, supomos que a amostra enquadraria a narrativa completa construída pelos jornais durante o torneio, incluindo a expectativa criada na fase inicial, o decorrer da competição e os rescaldos do encerramento.

O intuito deste trabalho consiste em identificar as notícias que ganhavam destaque, o formato padrão dos textos, como e quais imagens eram utilizadas e o espaço dedicado às reportagens e crônicas.

Uma hipótese que merece atenção especial durante a investigação é a eventual existência de discursos ufanistas nos textos e títulos dos conteúdos que abordam os jogos e o cotidiano da seleção brasileira de futebol durante o torneio.

Aplicamos os questionamentos e hipóteses nos dois jornais estudados para que a comparação fosse feita de maneira equilibrada. Na primeira etapa, de coleta dos dados referentes às práticas que concebemos como edição jornalística (seleção e disposição de matérias informativas, crônicas e imagens), recorremos à metodologia proposta pela Análise de Conteúdo.

Com relação à investigação do discurso patriótico, utilizamos a Análise do Discurso francesa como ferramenta eficaz de leitura crítica dos textos, por esta teoria abarcar simultaneamente a materialidade linguística, composta pelos elementos textuais, e as condições não-enquadradas no suporte do conteúdo, as formações sociais e ideológicas. Como afirma Eni Orlandi (2009, p.13), “a AD problematiza a atribuição de sentido(s) ao texto, procurando mostrar tanto a materialidade do sentido como os processos de constituição do sujeito, que instituem o funcionamento discursivo de qualquer texto”.

Juntamente com as análises, para contextualizar historicamente os veículos jornalísticos pesquisados, pretendemos expor, ainda que brevemente, a conjuntura social

do Brasil em 1950 e em 2014 durante o trabalho. Julgamos que os desenvolvimentos econômico, tecnológico e urbano impactam a forma de atuação da empresa de comunicação e do próprio jornalista profissional, conforme explica Nelson Traquina (2005) sobre a expansão do jornalismo na Europa

Após duas revoluções em que a questão da liberdade está no centro de convulsões turbulentas, a expansão da imprensa, que implicou o desenvolvimento do capitalismo, a alfabetização de cidadãos, a constituição de centros urbanos, a emergência de um novo sistema de governo, e uma constante luta em prol da liberdade e de autonomia, tornou possível o aumento do número de pessoas que se dedicava integralmente à atividade jornalística, que, por sua vez, se orientava por novos valores, em consonância com as enormes responsabilidades sociais que o novo sistema de governo – a democracia – definia para o poder emergente, o novo designado “Quarto Poder”. (TRAQUINA, 2005, p.70)

2. Discurso e ideologia

A Análise do Discurso (A.D.) pode ser configurada como uma ferramenta de sinalização política dos fatos-linguagem. Ou seja, engloba e inter-relaciona os campos linguísticos e sociais, por meio não apenas dos elementos verbais e visuais do que foi ou será lido, mas também através do contexto histórico-social de produção, da circunstância enunciativa e contemplação do sujeito, desse produto discursivo. Segundo Eni Orlandi (1986), “a A.D. se concebe em um lugar entre a disciplina linguística e as ciências das formações sócio ideológicas”, constituindo uma intersecção entre a materialidade linguística (elementos textuais) e as condições não-enquadradas no suporte do conteúdo.

A análise do discurso se faz entre a linguística e as ciências sociais, interrogando a linguística que pensa a linguagem mas exclui o que é histórico-social e interrogando as ciências sociais na medida em que estas não consideram a linguagem em sua materialidade (ORLANDI, 1986, p.14)

No entanto, mesmo estando conectada epistemologicamente às Ciências Sociais e à Linguística estruturalista, a A.D. se diferencia e até lhes faz crítica, ao citar um elemento de modificação para análise dos objetos de estudo dessas duas correntes: o discurso. Mais ainda, o elemento sujeito, abrigando todas suas idiossincrasias, é considerado como parte integrante do processo produtivo e interpretativo, tomando face singular, não-genérica.

Eni Orlandi proporciona um recorte histórico-social nos parâmetros da Análise do Discurso, pontuando conceitos metodológicos fundamentais e expondo objetos de estudo práticos da A.D., que englobam a formação ideológica, política e etnográfica do imaginário social. Nesse sentido, o discurso seria a materialização da ideologia. Quer dizer, o discursivo é político, visto que, segundo Althusser, “a ideologia interpela os indivíduos” (1969, p.94).

A configuração da Análise do Discurso como área do conhecimento se indis põe com a objetividade, na medida em que essa não diferencia o valor político. Essas implicações tornaram a A.D. uma prática com funções crítica, em seu questionamento, e instrumental, na medida em que constrói procedimentos e ferramentas de análise particulares. Parte dessas ferramentas, tais como interdiscurso e formações discursivas, ressaltam a relevância dos elementos sujeito e linguagem como dotados de variáveis interpretações e significados, passíveis de reflexão. Além disso, indicam que a formação linguística e social ocorre simultaneamente e de forma inter-relacionada.

Como é perceptível, a partir dessa definição, entendemos a A.D. tendo relação com a forma de produção do conhecimento. Exemplificamos com um caso citado por Orlandi (1986), a América Latina. A A.D. identifica o contexto sócio-histórico como parte integrante do elemento textual. De acordo com a autora, os relatos históricos sobre o “Novo Mundo”, muitas vezes aceitos pela grande comunidade acadêmica, se constituem como discurso perante a A.D., no caso de “histórias contadas de europeus para europeus”. Isso se dá, pois, existem relações de força e poder históricas, de uma supremacia científica, cultural e ideológica europeia.

A produção desse efeito de sentido é praticada através de certas determinações de historicidade, que levam à concepção de uma ideologia, pois como premissa da Análise do Discurso, não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, aqui traduzida como interpretação do sentido. Entretanto, os efeitos de sentido desse discurso são causados pela relação língua e ideologia. No caso do exemplo a cima, o efeito é indicado pela aceitação da unicidade do sujeito e da linguagem, constituída no discurso europeu.

Dizer que o discurso é efeito de sentido entre locutores significa deslocar a análise do discurso do terreno da linguagem como instrumento de comunicação. Além disso significa, em termos do esquema elementar da comunicação, sair do comportamentalismo que preside a relação entre locutores como relação de estímulo e resposta em que alguém toma a palavra transmite uma mensagem a propósito de um referente e baseando-se em um código que seria a língua, o outro responde e teríamos aí o circuito da comunicação. Não há essa relação linear entre enunciador e destinatário. Ambos estão sempre já tocados pelo simbólico. Tampouco a língua é apenas um código no qual se pautaria a mensagem que seria assim transmitida de um a outro. Não há, além disso, esta transmissão: há efeitos de sentido entre locutores. Efeitos que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias dadas. Os efeitos se dão porque os sujeitos dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas. (ORLANDI, Eni. 2006, p.15).

Para a A.D. as noções de formação ideológica (política) e história, somadas a linguagem, se configuram como estudos de variáveis interpretações. O sentido deixa de estar fixado e imutável na formação das palavras, mas na relação da língua com as condições de produção, o que pode gerar diferentes entendimentos e divergentes discursos provenientes de um mesmo discurso.

As condições de produção incluem tanto o sujeito quanto a situação da enunciação. O sujeito, para a Análise do Discurso, traz consigo uma série de percepções subjetivas e construídas socialmente sobre os elementos que irão produzir os efeitos de sentido do texto.

O sujeito da análise de discurso não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso. Isto significa dizer que há em toda língua mecanismo de projeção que nos permitem passar da situação sujeito para a posição sujeito no discurso. Portanto, não é o sujeito físico, empírico que funciona no discurso, mas a posição sujeito discursiva. O enunciador e o destinatário, enquanto sujeitos, são pontos da relação de interlocução, indicando diferentes posições sujeito. E isto se dá no jogo das chamadas formações imaginárias que presidem o discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso. (ORLANDI, 1986, p.15)

O objeto de investigação da A.D. é o enunciado. Esse método procura descobrir como se dá a produção de sentido dos textos. Para Orlandi, “entender isso é compreender como o texto se constitui em discurso e como este pode ser compreendido em função das formações discursivas que se constituem em função da formação ideológica que as determina” (1986, p.16). Ou seja, observa-se a exterioridade na interioridade dos textos.

Para tanto, é fundamental a distinção dos conceitos de formação ideológica e formação discursiva. A formação ideológica interfere diretamente na produção de sentido de um texto em determinado sujeito. Pode-se afirmar que tal conceito deriva do posicionamento do sujeito, enquanto enunciador ou interlocutor, dentro de uma determinada conjuntura histórico-social. Por exemplo, a expressão “justiça social” poderá ter duas concepções completamente diferentes dependendo do enunciatário: um adepto do socialismo enxerga-a de forma praticamente oposta a um admirador do neoliberalismo econômico, por exemplo. Recorremos à autora para uma conceituação final de ideologia para A.D.

Se não nos ativermos aos conteúdos da linguagem mas ao funcionamento do discurso, podemos procurar compreender o modo como os textos produzem sentidos e a ideologia será então percebida como o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria, no entanto, como a interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras em um contexto histórico dado. A ideologia não é assim um conteúdo “x” mas o mecanismo de produzir “x”. (ORLANDI, 1986, p.25)

Em relação à formação discursiva, ficamos mais uma vez com a definição de Orlandi

Chamamos então formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito. Portanto, as palavras, proposições, expressões recebem seu sentido de formação discursiva na qual são produzidas. Segundo M. Pêcheux (ibidem) então os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes. É assim que não podemos pensar o sentido e o sujeito sem pensar a ideologia. Do mesmo

modo não podemos pensar a ideologia, em termos discursivos, sem pensar a linguagem. (ORLANDI, 1986, p.17)

Devido à possibilidade de considerar os aspectos de formação ideológica, formação discursiva e as condições de produção, optamos pela Análise do Discurso para averiguar a hipótese de existência de um discurso nacionalista na cobertura do Jornal dos Sports e do Lance! nas Copas do Mundo de 1950 e 2014, respectivamente.

3. Apito inicial

Entre a metade e o final do século XIX, o esporte ainda não produzia material noticioso para os jornais. Quando citadas, as atividades esportivas eram publicadas em pequenas notas soltas entre matérias de diversos assuntos, como economia e política, ou em textos escritos por cronistas da época. Pontualmente, algumas notas também eram encontradas em seções de “acontecimentos sociais”. A explicação para essa pouca atenção dos jornais passa por dois aspectos: primeiro, os esportes não contavam com muitos praticantes; segundo, os esportes não geravam interesse nos jornalistas, sendo vistos apenas como diversão ou momento de lazer; nada muito sério.

A “responsabilidade”, então, por introduzir as práticas esportivas nas páginas dos jornais foi assumida indiretamente pelos literatos cariocas que escreviam folhetins e textos para os veículos. O faziam por meio das crônicas, que, por sinal, se consolidariam como a grande característica textual da imprensa esportiva, como o elemento que a diferencia das outras editorias e que alguns dizem andar em falta atualmente.

Dentre os cronistas que mais abordavam o assunto, pode-se destacar Machado de Assis e Olavo Bilac. O autor de *Dom Casmurro* tecia comentários críticos sobre o assunto, segundo Melo (2012).

Dialogando com os setores urbanos em ascensão, nas crônicas de Machado não encontramos elogios exagerados ao esporte; ainda que simpático a algumas modalidades, para o autor símbolo do avanço social, criticava as condições da prática, não poucas vezes traçando paralelos com a sociedade brasileira.

Os cronistas costumavam retratar assuntos cotidianos, principalmente da vida urbana, em seus textos, muitas vezes com um olhar enviesado e pessoal sobre os temas abordados. No caso de Olavo Bilac, escritor e líder da poesia parnasiana, o esporte era um símbolo do avanço social e da modernidade. Como bom adepto do parnasianismo, era um fervoroso apreciador das formas impecáveis e da elegância, elementos notadamente relacionados com atletas praticantes de esportes, “uma posição que se articulava com o seu desejo de ver modernizada a sociedade brasileira, sua defesa de patriotismo e sua preocupação com a juventude do país” (MELO, 2012). Nota-se, então, que a relação entre patriotismo e esporte – que será verificada mais à frente nesta monografia –, com foco específico na relação com o futebol durante as Copas do Mundo de 1950 e 2014, é perceptível logo nos primórdios da imprensa esportiva brasileira.

Apesar das referências e das crônicas, as citações e textos sobre esportes nos jornais apareciam timidamente, sobretudo porque, nesse período entre o fim do século XIX e o começo do século XX, os veículos estavam em transição de um modelo opinativo de jornal para um formato mais informativo. Como afirmam Romancini e Lagoa (2007, p.76), “de uma imprensa pouco estruturada como negócio ao jornalismo como empresa; de outro lado, o modelo de jornal opinativo tenderá a ser, ao longo da primeira fase da República, substituído pelo jornal de informação”. Essa mudança será fundamental para que o esporte ganhe mais espaço nos jornais porque os veículos veem-se obrigados a comentar assuntos de interesse público. E, com cada vez mais praticantes, inclusive entre as camadas menos abastadas, o esporte entraria de vez na rotina dos informativos.

Um jornal foi um pouco mais rápido do que os outros nessa transição, pelo menos entre os veículos cariocas. O recém-criado *Jornal do Brasil* já honrava o perfil vanguardista que o caracterizaria até o encerramento de sua versão impressa, em setembro de 2010. O JB, como era conhecido, chegou a ser apelidado de “popularíssimo”, conforme mais uma vez explica Melo (2012), com ajuda de Lopes (2006).

Para Lopes (2006, p.341), com o decorrer do tempo, o periódico transformou-se “num espaço privilegiado para a divulgação, na classe média urbana, de valores, imagens e elementos da cultura popular no Rio de Janeiro, os quais seriam absorvidos em novas visões hegemônicas da cultura e da identidade brasileiras”. Não surpreende que tenha obtido vários sucessos de vendagem e tenha sido alcunhado de “popularíssimo”.

Criado em fins do século XIX, o *Jornal do Brasil* inovou ao dedicar uma coluna ao noticiário esportivo, chamada “Sport”, que mudaria de nome duas vezes: para “Avisos Sportivos” e, posteriormente, “Vida Sportiva”. O nome “avisos” não era gratuito. Os textos comunicavam a ocorrência de eventos esportivos aos leitores, o que tornava o jornal um canal de divulgação dos clubes e dos desportos que emergiam.

As agremiações esportivas percebiam a imprensa como uma aliada. Era uma agência fundamental para o intuito de dar visibilidade à nova prática, não só comunicando os eventos como também explicando os detalhes e as peculiaridades das atividades (embora nem sempre fosse feliz nessa tarefa). Mas ainda, era instância importante tanto no que se refere à conquista de um patamar mais alto de valorização, por tornar o esporte, por motivos distintos, atrativo para diferentes setores da sociedade, quanto no que tange ao forjar de mitos e heróis, que se tornavam importantes no processo de popularização do fenômeno. (Melo, 2012)

As primeiras notícias esportivas concentravam-se sobre os esportes mais praticados até então, sobretudo pela elite carioca, como críquete, turfe e remo. Notas sobre a chegada de cavalos e até dicas para apostas eram comumente publicadas, apesar de causar polêmicas. Aos poucos, os jornais traziam relatos das competições, explicando detalhadamente as idiossincrasias de cada modalidade. Em troca, a imprensa recebia “afagos” das agremiações (Melo, 2012), mais um elemento que perduraria pelo menos até a metade do século XX.

Por exemplo, tornou-se comum a realização de páreos que homenageavam a imprensa em geral, um período específico ou um diretor de jornal, costume que parece ter se iniciado em 1889, quando o Jockey Club instituiu o Grande Prêmio da Imprensa.

Mas nem só de flores vivia essa relação entre imprensa e agremiações. Os jornais também publicavam notícias negativas sobre as agremiações. Segundo o autor, o Jornal do Brasil “se tornou o preferido dos apaixonados pelos esportes, uma vez mais se destacou, por apontar os problemas e clamar por maior respeito ao público”.

Logo, o espaço do esporte nos jornais não se restringiu ao aspecto meramente informativo, progressivamente tornando-se mais opinativo: como no que se refere a outros temas, a imprensa se constituiu em um arena pública. Devemos ter em conta o que sugere Barbosa (2010, p.130): “No final do século XIX, os jornais referendam sistematicamente a missão do jornalismo e o sacerdócio dos jornalistas, cuja tarefa principal é fiscalizar os poderes públicos, denunciar e, sobretudo, instituir a voz dos fracos e oprimidos.

Já no começo do século XX, o processo de modernização da imprensa se acelera bastante, com a chegada de novos equipamentos, como máquinas de escrever e telégrafos e com avanços tecnológicos na área de impressão, permitindo a utilização de fotografias e o aumento na circulação dos jornais. Romancini e Lagoa (2007, p.79) apontam o impacto das mudanças.

Do ponto de vista material, outras inovações técnicas foram introduzidas no jornalismo brasileiro do período, tanto no campo da impressão (maquinário mais moderno, que permitia inclusive o uso de fotos, como vimos, mais usadas no início em revistas), quanto no da produção informativa (com o uso de telégrafo, máquinas de escrever e a compra de notícias de agências internacionais) ou comercial – os anúncios na imprensa, a partir da segunda metade do século XIX e, em particular nas primeiras décadas do posterior, tornam-se mais elaborados [...]; cresce a venda avulsa, impulsionada por vendedores ambulantes, gazeteiros ou “bambinos” (garotos, muitos de origem italiana), bancas e charutarias.

Uma figura que ilustra bem essa transição é o personagem João do Rio, criado pelo jornalista Paulo Barreto, “que passará a publicar não só colunas mundanas, mas

também reportagens, baseadas em informações coletadas nos locais de interesse, sobre o Rio da Belle Époque, atuando em muitos dos veículos da época” (ROMANCINI; LAGOA, 2007, p.80-81).

Nos derradeiros anos do século XIX, surgem suplementos e jornais dedicados ao assunto, como o *Semana Sportiva*, em 1894, e *Petit Sport*, em 1895. Este segundo abordava além de esportes, o teatro. A combinação dava-se pelo entendimento de que os dois temas – esporte e teatro – faziam parte do mesmo campo do entretenimento. No entanto, muitos desses informativos eram criados por aficionados e praticantes, sem muita noção empresarial de um negócio que exigia cada vez mais *expertise* administrativa para sobreviver. O resultado era que muitos não duravam mais que poucos fascículos.

No embrião da imprensa esportiva, as inovações em matéria de fotografia e equipamentos de impressão revelou-se crucial. As gravuras eram utilizadas já no século XIX, mas com objetivos meramente ilustrativos, principalmente com imagens de instalações esportivas. A exceção ficava por conta das charges, já comuns no âmbito esportivo, e que ironizavam as atividades e a sociedade usando o esporte como pano de fundo. No século das grandes guerras, as fotografias começam a ganhar mais força significativa dentro do discurso editorial dos jornais e seguindo um roteiro pré-determinado: “flagrantes do público, por vezes em plano aberto, por vezes focando em alguns indivíduos; aspectos das provas e instalações esportivas; *takes* dos vencedores e arredores” (Melo, 2012).

[...] o uso de imagens por parte dos periódicos não foge do papel de múltipla mediação. Se majoritariamente os sentidos e significados construídos são aqueles que interessam às elites, o povo em geral também é representado, até mesmo pela necessidade de caracterizar a força do espetáculo; aliás, até mesmo clubes mais populares eventualmente tinham suas fotos publicadas.

Colocar todas as camadas sociais nas páginas, ainda mais com o realismo das fotografias, era muito interessante para os jornais, uma vez que ampliava no público a sensação de representatividade e estimulava o interesse pelo assunto. Uma faca de dois gumes, como decreta Melo (2012), ao concluir seu estudo sobre a história inicial da imprensa no Rio de Janeiro, mas que fez com que os outros jornais também abrissem suas colunas para o crescente universo esportivo na capital federal da época.

Enfim, a imprensa progressivamente noticiou o esporte porque ele crescentemente tornou-se uma prática socialmente valorizada, e a prática se

tornou crescentemente valorizada porque foi progressivamente noticiada na imprensa. Nem só causa, nem só consequência: causa e consequência.

3.1. Patriotismo e rivalidades

A primeira partida de futebol realizada no Rio de Janeiro consta apenas em um pequeno parágrafo publicado na coluna “Sport”, no dia 22 de setembro de 1901, no Correio da Manhã, abaixo de uma nota elogiosa sobre a administração do Jardim Zoológico da cidade.

A curiosidade é que tanto a agremiação quanto o campo onde a partida foi realizada ainda existem, no mesmo local. Rebatizado como Rio Cricket Associação Atlética, o clube mantém as suas atividades na Rua Fagundes Varela, número 637, em Icaraí, Niterói.

Foot-ball

No vasto campo do The Rio Cricket, em Icaraí, realiza-se hoje, pela primeira vez no Rio de Janeiro, uma partida de foot-ball. O jogo principiará às 8 horas da manhã, sendo dois os partidos, com as denominações de Brasil e Inglaterra. O entusiasmo é grande: palpitamos pela vitória do primeiro dos bandos

Nos primeiros anos do século XX, a maioria dos grandes jornais já havia “imitado” o *Jornal do Brasil* e inaugurado uma coluna específica para as práticas esportivas. No entanto, os grandes destaques ainda ficavam por conta das competições de turfe e ciclismo. O futebol ainda amadurecia e entre a grande maioria dos seus praticantes, apenas ingleses e filhos de ingleses. O jornalista Mário Filho, diretor do primeiro diário esportivo brasileiro, o *Jornal dos Sports*, no livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, um dos maiores clássicos da literatura esportiva brasileira, senão o maior, teceu um grande resgate histórico sobre os primeiros anos do futebol no Rio de Janeiro e sobre a demorada abertura do futebol aos negros e pobres.

As coleções dos jornais estão aí, basta procurar as escalações dos times do Paissandu e do Rio Cricket. Essas escalações deviam ser a tortura dos compositores e revisores. Também dos leitores, a maioria sem saber nada de inglês, tendo de soletrar o nome dos onze jogadores do Paissandu, dos onze jogadores do Rio Cricket.³

³ A expressão “compositor”, usada por Mário Filho, refere-se ao gráfico que compõe os tipos de chumbo da página do jornal.

Com isso, segundo André Ribeiro (2007, p.27), “o principal tema esportivo discutido em jornais e revistas não eram os jogos realizados pelos campos das principais cidades brasileiras, mas os benefícios e os prejuízos que esse novo esporte poderia trazer à população”.

Mantinha-se a tendência das observações publicadas nas crônicas do final do século XIX. O cenário não mudaria muito até o final da primeira década do século XX. O futebol era um esporte mais acessível aos menos endinheirados, pois, diferentemente do turfe e do ciclismo, não exigia gastos altos com equipamento e poderia ser praticado, ao menos enquanto lazer, em qualquer terreno baldio ou campo de várzea.

Ainda assim, a vida de jogador exigia certas regalias, às quais os mais pobres e negros não tinham direito, como conta Mário Filho (2010, p.34)

O futebol era divertimento. Como todo divertimento custava dinheiro. Mais ou menos. Menos em Bangu do que na Rua Retiro da Guanabara, onde o Fluminense fizera o seu campo. [...] Para entrar no Fluminense o jogador tinha de viver a mesma vida de um Oscar Cox, de um Félix Frias, de um Horácio da Costa Santos, de um Waterman, de um Francis Walter, de um Etchegaray, todos homens feitos, chefes de firmas, empregados de categoria de grandes casas, filho de papai rico, educados na Europa, habituados a gastar. Era uma vida pesada. Quem não tivesse boa renda, boa mesada, bom ordenado, não aguentava o repuxo.

Mesmo com o surgimento dos primeiros clubes de futebol cariocas, como Fluminense, Botafogo e Bangu, os atletas jogavam para uma plateia restrita. As fontes para os textos e notícias dos redatores continuavam sendo os clubes. Dessa forma, a dualidade entre imprensa e as agremiações mantinha-se intacta, cabendo aos jornais publicar os comunicados e as competições, ao mesmo tempo em que teciam críticas sobre o novo esporte. “Assim como em São Paulo, jornalista esportivo não saía da redação, não ia aos treinos, ninguém entrevistava ninguém. Os repórteres mais atrevidos, e que se sujeitavam a acompanhar os jogos de perto, começavam também a dar tom crítico ao noticiário” (RIBEIRO, 2007, p.29-30).

Apesar desses deslizes naturais, o futebol no Rio de Janeiro crescia a passos largos. Os redatores dos jornais não paravam de receber informações, ofícios, releases e comunicados dos sócios e os transformavam em pequenas notas publicadas nos diários cariocas. (2007, pag 29)

No entanto, enquanto o futebol adentrava aos bares e invadia os jornais, mais se falava sobre o assunto. Uma partida em especial marcou uma espécie de ruptura, um

momento no qual o futebol pela primeira vez associou-se à questão da identidade nacional. Não se tratava ainda da seleção brasileira, mas de combinados, primeiro de paulistas e depois de cariocas, que enfrentaram o selecionado argentino seis vezes – três chances para cada – em julho de 1908. Na sua coluna de domingo *Cinematographo*, na *Gazeta de Notícias*, Paulo Barreto, sob o pseudônimo Joe, citou o fato no dia 12 de julho.

De todos os exercícios sportivos, depois da pelota basca, que a jogatina reles abastardou aqui igualando as “canchas” às bancas de dado da rua Conceição, o foot-ball é para mim o mais admirável dos jogos. É a neurose na precisão, é a força potente na neurose – é a batalha. A vinda dos argentinos para jogar com os brasileiros encheu-me de satisfação porque eu sou dos que pensam necessário conhecermo-nos uns aos outros bem para sermos amigos. Ganhar o “team” argentino ou ganhar o “team” paulista – que tinha isso? [...] Estarei eu em vésperas dessa doença inexplicável que se chama patriotismo? Patriotismo porque? Patriotismo limitado a um campo de foot-ball? Entretanto é verdade... Sim, eu preferia que fossem os paulistas a ganhar. Não sei porque, mas preferia.

Nesse caso, não só o patriotismo começa a ser associado com a questão esportiva, como a produção de rivalidades, um motor e tanto para a produção das páginas da imprensa de esportes até os dias atuais, evidencia-se. Uma faísca do que seria a “pátria de chuteiras”, termo criado por Nelson Rodrigues para assinalar a relação entre o futebol como elemento primordial na identidade nacional dos brasileiros.

4. O Jornal dos Sports, de 1931 a 1950

O *Jornal dos Sports* foi fundado em 1931 numa sociedade entre o jornalista Argemiro Bulcão e o diretor de oficinas de impressão Ozéas Mota. Era o primeiro diário exclusivo de esportes no Brasil. A demanda de informações sobre futebol havia crescido assustadoramente com a popularização dos campeonatos cariocas e com os títulos da seleção brasileira, ora formada por selecionados paulistas, ora por jogadores do Rio de Janeiro.

Argemiro Bulcão tinha o olhar do empreendedor, mas não o dinheiro. Por isso, abriu uma parceria com um diretor de oficinas com máquinas rotativas que imprimiam alguns jornais da capital, inclusive o dirigido por Bulcão anteriormente, o tabloide *Rio Sportivo*. De acordo com Ribeiro (2007, p.73), “o investimento, que começou com apenas 6 contos de réis, transformou-se no maior sucesso editorial da época e no atual maior acervo iconográfico do país, com quase 10 milhões de fotos e negativos”.

Inicialmente, o periódico tinha apenas quatro páginas e não utilizava cor-de-rosa que passaria a adotar no dia 23 de março de 1936 (Rio de Janeiro: A Secretaria, 2004, p.22) e pela qual ficaria eternamente conhecido, devido à influência do jornal francês “L’Auto”, também esportivo. Segundo Bernardo Buarque de Hollanda (2012, p.86), a mudança de cor explicava-se como “uma estratégia cromática eficaz, destinada a chamar a atenção do grande público que passava pelas bancas e quiosques da cidade”.

Apesar de o noticiário esportivo estar mais desenvolvido na época, com a presença de repórteres nos jogos e nas atividades dos clubes, o *Jornal dos Sports* dava prosseguimento a um modelo comum no início do século XX, associando as práticas esportivas aos avanços sociais e ao fortalecimento da identidade nacional.

[...] a retórica do jornal compartilhava a linguagem doutrinária da época. Fazia-se eco a um discurso eivado de patriotismo, de heroísmo e de doutrinações pedagógicas. As virtudes do esporte na conformação moral, racial e corporal do homem brasileiro e do seu povo eram lembradas a todo o tempo nas páginas do JS. (2012, p.87)

Nas primeiras edições, Argemiro Bulcão insuflou uma campanha que interligava a prática de esportes à modernização comportamental da sociedade brasileira. Sempre reforçando que uma nação com um povo “miscigenado” e “forte” deveria avançar nas políticas esportivas para evoluir socialmente e afirmar-se perante o mundo, sempre com um tom nacionalista em seus textos.

Ainda que o único diário exclusivo de esportes, o *Jornal dos Sports* não se estabeleceu como liderança de audiência logo nos primeiros anos. O “cor-de-rosa”, como ficou conhecido, disputava o interesse do público com as seções esportivas dos grandes jornais e ainda enfrentava a concorrência dos semanários. Sem contar que o gênero passava por transformações profundas entre o fim dos anos 1920 e o começo dos anos 1930. Por exemplo, *O Globo*, sob direção de Mário Filho, investia em uma mudança significativa na produção jornalística voltada para o mundo esportivo que balizaria, dali em diante, o jornalismo esportivo.

Os novos procedimentos de reportagem incluíam entrevistas e depoimentos de jogadores de futebol, transformando em ídolos da cultura de massa emergente, e passíveis, portanto, de compor relatos nos moldes de uma “história de vida privada”. O cotidiano e o íntimo dos atletas passavam a interessar a pauta do jornalismo, que vivia à cata de curiosidades e procurava devassar, como dizia a chamada de uma revista da época, a “vida do crack”.

Junte-se a isso o fato de que o desenvolvimento da aparelhagem tecnológica, como o aperfeiçoamento das máquinas rotativas e a invasão das máquinas de escrever, foi determinante para o jornalismo como um todo tornar-se mais “ágil” e se transformar tanto no plano gráfico, quanto no plano do conteúdo (COUTO, 2011, p.45)

Uma linguagem curta e rápida nas páginas dos jornais esportivos, além de imagens que pudessem se transformar no retrato fiel do dinamismo do jogo, tornaram-se características das matérias jornalísticas. Para conquistar um público leitor e interessado nos esportes, cuja própria vida nos grandes centros urbanos passara por transformações de ritmos, agora mais acelerado e pulsante como a prática desportiva, surgia um jornal, cujo objetivo era se consolidar no mercado editorial e que pudesse dar conta de um imaginário urbano (e suburbano) centrado no esporte.

O JS era impresso no formato *standard*, que o distinguia da maioria dos semanários esportivos, publicados como tabloides. Não havia cores nas primeiras edições, mas a presença de fotografias já era perceptível. A maioria das imagens apresentava atletas e jogadores em poses ensaiadas, contudo nota-se também as primeiras tentativas de mostrar flagrantes de eventos esportivos.

Embora tentasse englobar todos os esportes minimamente praticados pela população carioca, grande parte do conteúdo do JS encontrava-se centrado no futebol, já o grande esporte nacional após o bicampeonato sul-americano, conquistado nos anos de 1919 e 1922 (COELHO, 2006, p.10-11), que seria foco inclusive dos primeiros editoriais do veículo. Até a presença de políticos importantes tornava-se comum, conforme relata o jornalista Paulo Vinícius Coelho, em “Jornalismo Esportivo (2006, p.11)

Em 1927, o próprio presidente da República, Washington Luiz, comparecera ao estádio de São Januário para a cerimônia de inauguração. O estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, fora construído para a organização do Campeonato Sul-Americano. O Brasil interessou-se novamente pela organização do torneio três anos depois. O futebol já era uma festa

Bulcão agregaria ao jornal uma característica que seria aprofundada e ainda mais enraizada por Mário Filho: as discussões políticas e administrativas sobre o futebol. Faz comentários contra normas estabelecidas pela entidade representativa dos grandes clubes, a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos), que dificultava a transferência de jogadores, prática vista pelos clubes de origem aristocrática, sobretudo, como danosa ao espírito “amador” no esporte. Ocorre que, ao mesmo tempo em que defendia algo como “jogar por amor”, a AMEA excluía os atletas negros e pobres que não podiam continuar apenas jogando por paixão, visto que não poderiam dar-se ao luxo de prejudicar suas atividades nos empregos em que atuavam, o que era duramente criticados por Bulcão. Segundo Buarque de Hollanda, a visão empreendedora do então diretor do *Jornal dos Sports* influenciava consideravelmente esse comportamento.

O posicionamento político do jornal antes as possibilidades franqueadas pela conjuntura da época ia ao encontro de uma progressiva estruturação do campo esportivo. Os motivos parecem óbvios, em virtude dos interesses comerciais diretos advindos da implantação do profissionalismo no futebol. (2012, p.86)

Em sua dissertação de mestrado, na qual aborda como o *Jornal dos Sports*, foi crucial para a consolidação da imprensa esportiva carioca, André Alexandre Guimarães Couto expõe dados que explicam como a exaltação das rivalidades era utilizada pelo diário

Fica claro, ao pesquisarmos as fontes, que a competição com o estado de São Paulo é uma das linhas editoriais do periódico e como o projeto carioca de valorização dos esportes deveria estar sempre na vanguarda, como faziam outros países. O Rio de Janeiro, desta forma, não poderia “ficar para trás”, em relação à São Paulo. Era preciso chegar em primeiro lugar nesta corrida pela adequação ao que já era moderno na Europa, ou seja, a organização dos esportes e sua respectiva prática na sociedade. Para tanto, era preciso criar organizações e, principalmente, estimular as competições esportivas no Rio de Janeiro. (2012, p.52)

Entretanto, mesmo reforçando a rivalidade entre paulistas e cariocas, “procurava construir um tom de neutralidade ao informar que o mais importante na contenda era unir forças em prol do Brasil, pois apesar da disputa regional, todos eram brasileiros” (COUTO, 2012, p.60).

O JS também abordaria questões como a importância de entender o esporte como parte fundamental da formação educacional das crianças (COUTO, 2012, p.61), em convergência com as reformas no campo da educação propostas durante o governo Vargas. O autor encerra dizendo que “enfim, o Jornal dos Sports, no início da década de 1930, largava na frente dos demais periódicos e adotava um discurso em tom de campanhas diversas, porém tendo a saúde, os esportes, a educação e a própria formação de povo brasileiro como temas relevantes”.

Apesar de destacar o futebol, devido ao interesse crescente do público, o Jornal dos Sports aumentou, em 1932, sua equipe de redatores, corretores e gerentes. Ao todo, 12 profissionais trabalhavam na produção do periódico. Com isso, segundo Couto, mais uma vez o JS poderia cumprir com a sua ideia inicial de abranger todos os esportes possíveis.

Se o futebol era a menina dos olhos do JS, como detalharemos mais no próximo capítulo, assim como da própria imprensa esportiva em geral, este periódico tinha o objetivo e a missão de publicar e, também, publicizar os eventos, as ligas, os torneios e as notícias ligadas aos atletas de diversas modalidades. Tudo isto, todavia, na linha do jornal, era uma meta pedagógica de associar o esporte como capital simbólico de uma sociedade que pretendia ser moderna. Para tanto, era precisa uma cidade saudável e que eliminasse as doenças e males do homem com a ajuda e a valorização dos esportes, de todos, dos mais representativos como o futebol até o jogo de petecas.

Em 1936, o jornal foi adquirido pelo jornalista do Globo Mário Filho, que propusera reformas significativas na seção esportiva do jornal comandado por Roberto Marinho. O diretor d'O Globo, por sinal, foi um dos três amigos que ajudaram o irmão de Nelson Rodrigues a comprar o JS. Os outros dois foram Arnaldo Guinle, ex-presidente do Fluminense Football Club e da CBD – Confederação Brasileira de Desportos, a “CBF” da época – e José Bastos Padilha, então presidente do Clube de Regatas Flamengo. Frise-se que Mário Filho possuía boa relação com políticos e dirigentes esportivos, além de “gozar de boa recepção nos clubes que seus jornais cobriam, pois valorizavam seus jogadores e promovia os jogos de futebol e outras modalidades como ninguém” (COUTO, 2012).

Com Mário Filho, o *Jornal dos Sports* ampliaria a sua equipe de redatores, com a ajuda de cronistas como José Lins do Rego e Manuel do Nascimento Vargas Neto. Dessa forma, o jornalista que seria homenageado, após a morte, com o nome oficial do Estádio

do Maracanã atingia um público mais abastado sem perder o interesse das camadas populares.

Em um país onde tradicionalmente os escritores desprezavam o futebol, o diretor do *Jornal dos Sports* vislumbrou em José Lins do Rego o sucesso e a popularidade de um literato inveterado por esportes. Quando o convite de Mário Filho foi feito, já se sabia que José Lins do Rego era um notório torcedor do Flamengo desde 1938, atraído pelo ídolo rubro-negro Leônidas da Silva, e que dedicara um romance, *Água-mãe* (1941), a tratar do futebol.

Bernardo Buarque de Hollanda reforça a importância da equipe, pois “com um perfil seletivo e acima da média, estes colaboradores do *Jornal dos Sports* exerciam múltiplas funções simultâneas: cronistas, dirigentes de clubes, presidentes de entidades desportivas, bacharéis, políticos e literatos”, o que facilitaria o trânsito de Mário Filho entre as discussões sobre o rumo do esporte brasileiro, até o ponto de o diretor do *Jornal dos Sports* ser uma das vozes mais influentes na questão sobre a construção do Estádio Municipal para a Copa do Mundo de 1950.

À incorporação de escritores reconhecidos para escrever colunas de esporte somava-se a utilização de técnicas para simplificar a linguagem do jornal (RIBEIRO, 2007, p.68).

Começou ‘sepultando todo e qualquer formalismo de expressão’, especialmente nas entrevistas que apresentavam uma ‘linguagem nova, simples e vibrante, lembrando a língua até então somente falada nas ruas e nas arquibancadas dos estádios de futebol. A época dos acadêmicos estava chegando ao fim.

O que parecia uma oposição, para Ribeiro, contudo, também pode ser entendida como uma tentativa de ter o melhor dos mundos: o acadêmico e o coloquial lendo o mesmo jornal de esportes. No mesmo período, o dono do *Jornal dos Sports* instituiria a preferência por fotos de ação, se possível, mostrando o público, em vez de imagens posadas de jogadores. O registro de um drible e do gol poderiam ser observados pelo público leitor, que até então só conseguia ter uma noção dos lances das partidas por meio de comentários, por vezes imprecisos, dos radialistas. Essas mudanças seriam adotadas por todos os suplementos e cadernos esportivos dali em diante.

A partir da Copa do Mundo de 1938, os níveis de atenção do futebol mudariam de patamar. Mário Filho deu prosseguimento ao discurso patriota, enraizado na primeira administração do JS, de Argemiro Bulcão.

5. O Lance!

O jornal *Lance!* foi criado pelo empresário e economista de formação Walter de Mattos Júnior e teve sua primeira edição publicada em 25 de outubro de 1997. Em oposição ao modelo empresarial-familiar que predomina nos grupos de comunicação brasileiros, o diário esportivo foi concebido por investidores do mercado financeiro que enxergavam um excelente mercado para o noticiário esportivo.

No final dos anos 1990, o futebol e o esporte em geral vivenciavam um processo de espetacularização nunca antes visto. No apogeu da televisão e com o desenvolvimento da internet, em pouco tempo atletas transformavam-se em ídolos de multidões e as marcas de material esportivo eram divulgadas a torto e a direito. As transmissões esportivas alcançavam audiências inimagináveis em escala global e os direitos de televisionamento eram comprados por cifras estratosféricas. Stycer (2012) explica, na dissertação de mestrado “Lance! Um jornal do seu tempo”, que as relações entre a mídia e o esporte sofreram transformações radicais.

Desde a adoção do profissionalismo, em substituição ao amadorismo, na primeira metade do século XX, não ocorria uma mudança tão profunda na estrutura do esporte e nas relações entre seus principais agentes (dirigentes, atletas, torcedores). Essa metamorfose ocorreu pela combinação, principalmente, de três fatores: a transformação dos clubes de futebol em empresas com fins lucrativos, o impulso à comercialização dos direitos de transmissão para a tevê dos torneios esportivos em bases rentáveis e o incremento dos investimentos em marketing de empresas que fornecem equipamentos e serviços para o negócio

No ponto de vista da conjuntura global, poucos anos após a ocaso do modelo político socialista, com a dissolução da União Soviética, o sistema capitalista neoliberal encontrava-se no auge. No universo esportivo, surgem os primeiros processos para a transformação de clubes de futebol em empresas que buscam o lucro, especialmente na Inglaterra.

Mudanças nas leis que regulamentam a propriedade dos meios de comunicação também foram essenciais para a criação do primeiro diário esportivo inteiramente impresso em cores: autorizou-se a participação de até 30% de capital estrangeiro nas empresas de comunicação de capital aberto – ou seja, que tem ações na bolsa de valores - e liberou-se o controle de meios de comunicação por pessoas jurídicas. Antes somente pessoas físicas podiam administrá-los.

No campo do futebol, exclusivamente, os clubes brasileiros começavam a pagar a conta das despesas insustentáveis na contratação de jogadores e no pagamento de salários. Devido aos problemas financeiros, mesmo no período de estabilidade garantido pelo Plano Real, cada vez mais atletas despediam-se mais cedo dos estádios tupiniquins e partiam para receber melhores salários e jogar em clubes medianos da Europa e no Oriente Médio.

Paradoxalmente, quanto mais dinheiro saía dos combalidos cofres dos grandes clubes de futebol brasileiro, mais dinheiro entrava por meio dos patrocinadores, direitos de imagem e marketing. É nesse cenário que o Lance! adentrava às bancas de jornais.

5.1. O modelo de jornal

De acordo com Stycer (2012, p.91), Walter de Mattos “encontrou no exterior – na Espanha, depois de uma visita ao diário *Marca*, e também na Argentina” o modelo de negócios que implantaria no seu jornal. Na visita ao país vizinho, teria ficado encantado pelo *Olé*, veículo esportivo pertencente ao *Clarín*, maior grupo de comunicação da Argentina. A ideia era funcionar como uma vitrine para uma demanda cada vez maior de informações sobre futebol e outros esportes e que vendesse o espetáculo. A inspiração no *Olé* era tanta que Walter de Mattos convidou o diretor do jornal argentino, Ricardo Roa, para vir ao Rio de Janeiro (STYCER, 2012).

Em palestra que fez para os jornalistas do Lance!, antes do lançamento do jornal, o diretor do *Olé*, Ricardo Roa, foi cristalino ao descrever o ambiente em que surgiu o novo diário, no país vizinho: “Os esportes deixaram de ser uma competição e hoje são um show, um espetáculo, que necessitam ser mostrados por meios novos. Os diários esportivos são os que melhor se adaptam às atuais características dos esportes, já que os esportes deixaram de ser apenas fins de semana

Para diferenciar-se dos outros veículos exclusivos de esporte, como o *Jornal dos Sports*, já em sua fase derradeira, o empresário contratou o *designer* do *Olé*, Antoní Cases, especialista em *design* da informação. O visual constituía-se como um elemento base para o dono do Lance!, que optou pelo formato tabloide devido à facilidade de manuseio que oferecia aos leitores.

A contratação de Cases à frente da equipe jornalística sinalizava, desde a partida, que o conteúdo escrito do jornal estaria submetido ao aspecto visual do empreendimento. Trata-se de uma inversão notável em relação a um valor fundamental que a imprensa – e não apenas a brasileira – sustentou por boa

parte do século XX: o da primazia absoluta do texto sobre os demais elementos do jornal.

Com relação a abordagem das pautas, o *Lance!* deveria adotar uma linguagem popular voltada para o torcedor. O jornalista Paulo Vinicius Coelho fez parte da primeira equipe de redação, junto com jovens recém-saídos da universidade e nomes de peso do jornalismo esportivo, como Leão Serva e Lédio Carmona. No livro “Jornalismo Esportivo” (2007), Coelho discorre sobre a orientação do diretor.

Nos dois grupos, um pequeno núcleo de jornalistas experientes misturado a outro de estagiários recém-saídos da faculdade ou ainda nos bancos escolares. Uma geração talentosa que conhecia o esporte e que ouviu do empresário as diretrizes do novo projeto: “Falaremos pouco de gravatas e muito de chuteiras. Homens de gravata não farão parte de nossas manchetes”

Uma vez que a ideia era fazer parte do espetáculo e ajudar a vender os produtos, no caso, os eventos esportivos, dever-se-ia evitar ao máximo pautas que comprometessem atividades e ou que desencorajassem os consumidores-torcedores-leitores a consumir esses produtos. Em entrevista a Mauricio Stycer, Walter de Mattos disse que, na definição da manchete, “a primeira coisa era ver quem ganhou na rodada [...]. Agora, se todos perderam, a gente via quem estava em melhor situação, e saía com um título como ‘Dá para virar’, esse tipo de coisa” (2012, p.97).

O público do *Lance!* a princípio não estava entre as camadas de baixa renda. Os donos buscavam um nicho de torcedores com razoável poder aquisitivo, o que ainda era difícil de determinar, já que o público de esportes havia ampliado exponencialmente em relação ao Jornal dos Sports, uma conclusão lógica, levando-se em consideração o aumento da população brasileira ao longo dos anos. Além disso, não temos como comparar propriamente os números, uma vez que não encontramos registros oficiais de circulação do Jornal dos Sports para esta pesquisa. O jornalista Paulo Vinicius Coelho comentou a dificuldade dos jornais esportivos em determinar o público-alvo

Qual é o público-alvo? Qual é a faixa etária a ser procurada? Qual o extrato social a ser localizado? As respostas sempre foram procuradas por toda empresa disposta a criar um produto para o público esportivo. E, às vezes, foram encontradas. Não respostas de 100% de acerto no alvo. Ao contrário. As respostas geralmente são um tiro n’água. Um risco fenomenal de acertar apenas em um pequeno extrato de um universo muito mais amplo. A resposta para o público-alvo de uma publicação esportiva é tão genérica quanto para a pergunta: quem se interessa por esportes? Ora, interessam-se por esportes jovens, velhos, pobres, ricos, homens e mulheres. (2006, p.105)

Entretanto, embora variassem outras condições, como gênero e idade, o *Lance!* buscava um leitor que pudesse participar e consumir os produtos anunciados em suas páginas, como equipamentos esportivos de grandes empresas, e participar das tantas promoções que permitiam aos leitores trocar selos por camisas de clubes, *kits* de material e outros tipos de produtos.

Para atrair esse público, segundo Stycer, o *Lance!* utilizava-se de recursos de edição e de uma linguagem coloquial

Os artifícios que o *Lance!* usará par alcançar o leitor de nível socioeconômico mais elevado sugerem que o jornal mirava um jovem de classe média e classe média alta com, por assim dizer, mais capital econômico do que cultural. Isso se refletirá na criação de seções próximas do universo da ficção, no apelo desabrido a um humor infantil e na utilização de um vocabulário extremamente coloquial, que reproduz a linguagem falada nas ruas

Em um primeiro momento, o *Lance!* mantinha redações em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. As páginas eram fechadas conjuntamente, por meio de um *software* que interligava as redações. A primeira tiragem chegou a 200 mil exemplares. Atualmente, apenas duas redações continuam ativas, no Rio e em São Paulo. A circulação paga, somando as plataformas impressa e digital, é de quase 63 mil unidades, segundo pesquisa da Agência Nacional de Jornalismo (ANJ) -, de 2015. Embora menores, os números ainda são expressivos, visto que o *Lance!* mantém-se entre os 15 jornais com a maior circulação paga do país.

Ao contrário dos veículos e suplementos esportivos contemporâneos, que precisam reinventar-se devido aos avanços das plataformas *online*, o *Lance!* não precisou alterar substancialmente seu conteúdo. Antes mesmo da versão impressa, a empresa lançou o portal Lancenet!, com material exclusivo e pensado somente para os usuários da web.

6. A cobertura da campanha brasileira pelo JS

A edição do *Jornal dos Sports* lançada na estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo em 1950 diz muito sobre qual seria o tom da cobertura do esporte nacional ao longo do torneio. A manchete efusiva “Á vitória, brasileiros!” trazia a escalação do Brasil com as fotos de cada jogador, legendadas com os respectivos nome e posição no esquema WM, com o goleiro e os dois laterais, zagueiros e um volante e o ataque com cinco jogadores.

Barbosa, Augusto e Juvenal;

Eli, Danilo e Bigode;

Maneca, Zizinho, Jair, Friaça e Ademir.

A outra manchete de destaque apresenta mais uma tônica: o diálogo que o JS estabeleceria diretamente com o leitor-torcedor: “Pode o Brasil confiar em seu scratch! Ambiente magnífico entre os nossos para a batalha de hoje”. O primeiro jogo seria contra a “brava representação do México”.

6.1. Brasil x México

A mesma edição expõe anúncio de página inteira da construção do então Estádio Municipal, parabenizando o prefeito do Rio de Janeiro Ângelo Mendes de Moraes e as construtoras envolvidas. Duas fotos seguidas por um texto-legenda ilustrativo do caráter político apresentado pelo *Jornal dos Sports* em relação às autoridades. Costumeiramente, esse veículo concedia espaço aos executivos não só como notícias, mas como formadores de opinião (COUTO, 2011).

Soldados de fato na batalha do estádio

Há que se reconhecer sempre, com eterna gratidão, a dedicação com que os soldados do exército se houveram no desempenho de sua missão nas obras do Estádio Municipal. Como se sabe, quando se houve necessidade de reforçar a turma de trabalhadores para que o ritmo acelerado prosseguisse, o General Mendes de Moraes recorreu aos dedicados soldados do Exército, os quais, por sinal, corresponderam plenamente. E ainda ontem, coube-lhes com satisfação a honra da demolição final do último andaime de madeiramento. E aí vemos o momento em que o trabalho atingiria o capítulo culminante, com o madeiramento totalmente no solo para mais tarde ter sido removido para local conveniente. (JORNAL DOS SPORTS – 6.391: 24/06/1950, 4)

O JS recorre a vocábulos de significados do repertório de guerras e conflitos bélicos. Não raramente predispunha do uso das palavras “batalha”, “luta”, “bravura” ou então de expressões como “dia D”. Tais escolhas serviam para acirrar os ânimos de torcedores em relação ao torneio, assim como para ressaltar o aspecto patriótico e nacionalista em sua cobertura.

A crônica de Geraldo Romualdo da Silva, “Três exemplos e uma oportunidade”, traçava uma retrospectiva dos acontecimentos e a participação dos brasileiros nas três Copas anteriores, que consagrariam o bicampeonato uruguaio e o primeiro título italiano. Na mesma página, a crônica de Mário Filho estimulava o comparecimento dos torcedores ao estádio, “para fazer sentir ao *scratch* brasileiro que não lhe faltará o menor apoio”:

“No campo de luta, quando tiverem de escolher entre a derrota e a vitória, os jogadores serão bem diferentes de como se mostraram nos treinos. Não sentirão mais o medo de errar porque terão de dar tudo pela vitória. O melhor de sua capacidade física e técnica. Mas precisam ser encorajados. Sabe-se a importância do impulso inicial numa competição. Em São Paulo os italianos do Brasil compraram todas as cadeiras do Pacaembu para estimular a ‘azurra’. O *scratch* brasileiro não compreenderia outra atitude da torcida brasileira. Espera um apoio total. (JORNAL DOS SPORTS – 6.391: 24/06/1950, 9)

A crônica do escritor Vargas Netto dedicava-se a defender o comportamento da torcida brasileira de críticas dos estrangeiros. No entanto, ao final do texto, fazia um apelo para que os fãs vibrassem com bom humor, sem quebrar as normas tradicionais do bom-convívio.

O mais interessante, todavia, seria a entrevista de Edgar Proença com o treinador da seleção brasileira, que reclamava das críticas de torcedores exaltados e realçava seu papel patriótico: “Descobrimo Flávio Costa. Um técnico diferente do que pintam”. Cabe ressaltar que se aproximar da delegação esportiva era muito mais fácil do que atualmente. Segundo Proença, ele e um grupo de jornalistas internacionais foram convidados para um almoço pelo próprio Flávio.

Ainda nessa edição, um pequeno boxe informava que a FIFA autorizara apenas o produtor Milton Rodrigues a filmar as peijas da Copa. Milton, para os que não sabem, era irmão de Mário Filho. Dentro de suas páginas, o jornal também mostrava a programação das rádios e os narradores que transmitiriam a partida de estreia do Brasil, invitando o público a acompanhar “todos os jogos da Copa do Mundo como se estivesse no campo”. Por exemplo, o anúncio publicitário da loja “Dragão de Tecidos” convocava

os desportistas a comprarem os seus ingressos. Bem, os que seguiram os anúncios não se arrependeram: vitória brasileira por 4x0.

No dia seguinte, a primeira página estampava as fotos dos gols. A renda da partida estabeleceu um recorde entre estádios na América do Sul, ao arrecadar CR\$ 2.565.020,00. O JS registrou o fato, que, para o jornal, justificava o esforço da edificação do Maracanã, como é possível compreender nessa nota publicada após a estreia:

Maior até hoje na América do Sul

Foi um espetáculo à parte, o público presente ao estádio. Grande massa vibrou e aplaudiu a seleção brasileira com entusiasmo enorme. Este público justificou de sobra os sacrifícios feitos para a construção do Estádio Municipal. A renda da partida foi realmente um record.

O final da nota mostra, ao concluir sobre o valor arrecadado, preocupação com a qualidade dos estádios. O trecho “Renda esta que vem demonstrar que havendo boas acomodações, haverá sempre público para os grandes jogos”, complementava.

A atenção com a torcida, por sinal, permaneceria como o foco central do jornal durante o torneio. Um dos títulos de primeira página da edição no dia seguinte à estreia exaltava:

“Confiava a torcida no seu onze.

Vibrou o povo com a abertura da ‘Copa do Mundo’.

O jogador mais celebrado pelo jornal fora Jair da Rosa Pinto, classificado como “fabuloso”.

A crônica de Mário Filho após o jogo, “A vitória, arma de confiança, para o scratch” destacava as participações ofensivas de Jair e Ademir e preocupação com o nervosismo dos atacantes brasileiros. Ao mesmo tempo, o diretor do JS ressaltava mais uma vez a grandeza do Maracanã, nomeando-o o “Estádio do Mundo”. Outro cronista, Alfredo Curvelo reverberava tal discurso nacionalista do jornal:

“Em plena campanha, grande e árdua campanha, ontem iniciada, já não há lugar para qualquer ressentimento ou recriminação, seja qual for o motivo, porque todos devemos nos apresentar poderosamente unidos em torno desses bravos rapazes que terão a honrosa oportunidade, única na vida, de defender o nome e as tradições do Brasil desportivo num campeonato mundial de football. O acontecimento que é o tema obrigatório em todos os círculos não empolga somente – e isso já seria o domínio sobre considerável parte da população – os círculos

esportivos senão que atrai sobre si as atenções gerais, aqui e em todo o Brasil, para falar somente de nós, não havendo exagero em afirmar-se que todos os outros problemas, inclusive os de natureza política, conhecem uma trégua de incontestável vantagem”.

Segundo Couto (2011), Curvelo fora convidado junto com outros integrantes do jornal, incluindo Mario Filho, a compor a Comissão Técnica para a Copa. Fora alocado na parte responsável pelo aparato técnico-psicológico dos atletas. A segunda página tradicionalmente vinha recheada de peças de teatro e filmes em cartaz. Mas um curto espaço no lado esquerdo, parte nobre da edição, informava que os cartuns de Otelo ilustrariam de forma cômica as partidas, o que seria um marco da cobertura do *Jornal dos Sports* durante a Copa de 1950.

O noticiário das seleções estrangeiras era basicamente informativo. Limitava-se a descrever os “aprontamentos”, sinônimo para treinamentos de véspera, e divulgava as escalações. Para a cobertura de jogos e outras atividades fora do Rio de Janeiro, o JS contava com enviados especiais, como Vasco Rocha, em Belo Horizonte; José Luis Pinto, em Curitiba; e colaboradores como Thomaz Mazzoni, da paulista Gazeta Esportiva, em São Paulo.

Além destes, Albert Laurence era responsável pela crônica internacional. As notícias eram enviadas pelo telefone algumas vezes. Durante a fase inicial da Copa do Mundo, o maior destaque ficou com os jogadores da seleção inglesa, alcunhados como “reis do futebol” apesar das campanhas melancólicas nas Olimpíadas e nos mundiais anteriores.⁴

6.2. Brasil x Suíça

Antes da partida contra a Suíça, no Pacaembu, as lesões de Eli, Danilo, Jair e Zizinho não constituíam as únicas grandes notícias. A escalação do árbitro espanhol Ramon Azon para a partida era estampada no centro da primeira página, abaixo de três imagens da “primeira surpresa da Copa”: a vitória dos suecos contra a Itália. A capa, por sinal, também exibia fotos de momentos importantes de cada uma das partidas realizadas na véspera, o que torna possível perceber a importância das fotografias, notadamente as

⁴ Vale lembrar que não foram realizadas Copas do Mundo no intervalo entre os anos de 1938 e 1950, devido à Segunda Guerra Mundial.

que registravam ações intensas e clássicas de uma partida, como o momento do chute, o salto dos goleiros, a bola cruzando a linha do gol:

“Imagem e ação fariam parte de uma relação de valorização dos esportes e as idiosincrasias divulgadas pelo jornal para a sociedade traduziam um tratamento especial dado à primeira. O texto dinâmico sobre os esportes encontrava na publicação da força da imagem um aliada ideal e coerente”. (COUTO: 2011, 124)

Um aspecto curioso do jornal durante a Copa do Mundo eram os textos da série “Notas femininas”, que indicavam o modelo de mulher para o jornal à época. Um pequeno texto na coluna começava com a pergunta “quem trabalha mais: o esposo ou a esposa?”. E terminava com o seguinte discurso machista:

Refletindo melhor, entretanto, chegariam à compreensão de que nenhuma mulher, que trabalhe fora do lar, tem tanta liberdade pessoal quanto a esposa, entregue somente aos afazeres domésticos. Ademais, há um ponto importante que as esposas não levam em consideração, quando se lamentam: o marido é quem traz o dinheiro para casa, e é sobre seus ombros que pesa a tremenda responsabilidade de manter a família, responsabilidade que para ser satisfeita não raro exige algum trabalho extra, além do normal. (JORNAL DOS SPORTS – 6393: 27/06/1950, 11)

Curiosamente a mesma edição trazia a foto de uma jogadora brasileira para ilustrar o informativo sobre basquete feminino.

Nos dias seguintes, o inesperado empate com a Suíça fez o JS elevar o tom emocional das manchetes. “No vestiário o retrato da tragédia da cancha” e “Objetivemos a reabilitação!”.

Mário Filho esquadriharia uma análise tática da partida, sem deixar de observar uma eventual soberba dos atletas brasileiros:

Quando os suíços empataram num contra-ataque os brasileiros perseguiram o gol do triunfo com um ímpeto que seria infalível se houvesse tempo. Rui quase fez o goal depois da saída. Eis a censura maior que merece o scratch brasileiro: não lutou. Jogou como se estivesse treinando, como se um match do campeonato do mundo não decidisse nada. O único jogador brasileiro que lutou realmente foi Ademir. Do princípio ao fim. De alguns outros o que se pode dizer é que trabalharam. O caso de Maneca, uma máquina em campo. Mas uma máquina que trabalhava como máquina. Sem coração. Baltazar foi outro que trabalhou. Mas de vez em quando parava. Também era um alvo das pobres charges suíças. (JORNAL DOS SPORTS – 6395: 29/06/1950, 6)

A matéria sob o título “2x2 dentro de um drama de noventa minutos” relatava uma espécie de melhores momentos em textos corridos, com pequenos entretítulos. Geraldo Romualdo, principal repórter do JS, colocou-se do lado dos jogadores:

Ali, naquele vestiário quieto e frio, estava toda a história do empate. Do mais duro e mais perturbador dos empates ultimamente sofridos por uma equipe brasileira. Duro e ingrato, sobretudo, pelas circunstâncias especiais que o cercaram. Domínio absoluto – 37 ataques contra 16; cerca de 30 bolas atiradas fora da meta, além das 16 defesas de vulto praticadas pelo arqueiro Stuber, por sinal, um extraordinário guarda-vala. O vestiário, antes tão alegre, fora transformado em imenso vale de lágrimas. Vale de lágrimas verdadeiro; lágrimas de dor pelos dois fatais. E lágrimas também de revolta pelo frio procedimento da torcida, quando tudo indicava que ela os animasse. (JORNAL DOS SPORTS – 6395: 29/06/1950, 8)

O empate com a Suíça tornara decisiva a partida contra a Iugoslávia. Somente a vitória interessava. Ricardo Serran, de O Globo, escreveu ao Jornal dos Sports – lembramos que Mário Filho também mantinha suas atividades como funcionário de Roberto Marinho enquanto dirigia o JS - e anunciava na primeira pessoa do plural como se também fosse entrar em campo: “Precisamos vencer sábado; agora, mais do que nunca, devemos fazê-lo”. O jogo se anunciava como um grande desafio, até porque, ao contrário dos brasileiros, a seleção balcânica vencera os suíços com facilidade na estreia.

Ainda antes da partida contra os iugoslavos, o JS destacava a grande surpresa daquele torneio até então. A vitória da seleção dos Estados Unidos sobre a Inglaterra. Mais uma vez, o jornal assinalava a importância da valentia em sobreposição à qualidade técnica. Aquilo que chamamos, hoje em dia, “falta de objetividade”:

Os ingleses foram extraordinariamente precisos na técnica, ofereceram um espetáculo magnífico, na arte difícil de jogar football com perfeição, mas, por outro lado, excederam-se no preciosismo, deixaram-se dominar pelos excessos dos passes, das fintas, professadas em todos os setores da cancha, principalmente dentro da grande área ao passo que os norte-americanos, modestos, sem o emprego de malabarismo, nem artificialismo, nem mesmo a preparação física excepcional, jogaram com ardor, com o entusiasmo de lutadores, dispostos e valentes. (JORNAL DOS SPORTS – 6396: 30/06/1950, 6)

Ao longo do torneio, a Espanha também despontava como favorita. Suas vitórias ganhavam cada vez mais espaço, como em “A volta de Dom Quixote”, onde Antônio Olinto descreveu em prosa a vitória ibérica. Textos com pouca objetividade e repleto de analogias à literatura eram valorizados, sobretudo nas seções de opinião. Mas também havia espaço para entrevistas com os jogadores espanhóis e com a comissão técnica, como

exposto na matéria “O Quadro pode render mais. Animados e confiantes os espanhóis – Ramalletto e Parra, os ‘calouros’ da seleção”.

6.3. Brasil x Iugoslávia

É interessante destacarmos que o aspecto tático era levado em conta na análise das partidas e dos adversários da seleção brasileira. Os jornalistas buscavam falar de forma clara sobre os fatores técnicos, como esquemas defensivos, por exemplo. As colunas de Geraldo Romualdo reforçavam essa ideia, como na oportunidade em que tentou interpretar os esquemas defensivos da Iugoslávia e o da Suíça, chamado de “ferrolho suíço”. A partir da análise das formações, Romualdo enxergou que sobraria mais espaço para os jogadores brasileiros diante da Iugoslávia:

“Há um sistema, o clássico WM, que por si só não sugere tanto amontoamento dentro da área (foi assim, pelo menos, até quarta-feira), ao passo que o ‘ferrolho’ é um terrível aglomerado de oito homens dispostos numa mesma linha horizontal, uma linha quase paralela à linha de zagueiros – o half-back marcando o ponta-esquerda, o half-back esquerdo marcando ponta-direita, o centro médio marcando o meia esquerda, o meia esquerda (segundo ‘pivot’), marcando o meia-direita, o zagueiro número três marcando o centro-avante e o zagueiro número dois esperando pelas ‘sobras’. A tática iugoslava se baseia no dispositivo dos três backs – dois bons rebatedores e um central o ‘pivot’ recuado – de quase dois metros de altura, ali postado para cortar, especialmente os centros extremados e para evitar as cabeçadas”.

Um dia antes da partida, as manchetes se preocupam em exaltar a participação dos aficionados – “A torcida está com a seleção!”. Ou “À vitória com o scratch” em letras garrafais ilustrava a importância daquela partida. As fotos na capa mostravam a confraternização dos jogadores e as filas quilométricas da torcida à procura de ingressos para ver o jogo no Maracanã. As imagens destacavam o duelo entre Zizinho e Mitic, tidos como os grandes craques de cada time. As matérias tratavam o jogo como “de vida ou morte”, reforçando o discurso bélico e patriótico na abordagem jornalística do JS. “Dia D, hora H. O Brasil esperou vinte anos por essa revanche”, estampava o jornal.

O temor não era gratuito. Os iugoslavos haviam vencido a seleção brasileira, na primeira Copa do Mundo, realizada no Uruguai. Um depoimento de Hermógenes, meia-direita do Brasil em 1930, foi publicado naquela edição. O título apelava: “Façam vocês o que não nos foi possível”.

Numa longa coluna, o texto do dirigente da CDB, Mario Pollo, convocava os torcedores e a imprensa praticamente para uma guerra:

Unamo-nos todos imprensa e povo, no incentivo à seleção brasileira para o triunfo no encontro desta tarde. Nada de reações apaixonadas, quando houver um erro dos nossos jogadores. Aplausos incondicionais acompanharão todos os lances da luta decisiva. Compreendamos o estado de nevos de nossa gente, diante da responsabilidade imensa que lhes peza aos ombros. Afastemos o receio de desagradar dos defensores brasileiros, ajudando-os com o apoio de uma torcida constante e entusiástica que se não deixa perturbar. Justamente quando a sorte não nos sorrir é que cumpre ao povo levar força moral, que se juntará à capacidade física dos jogadores do campo auri-verde. Os jogadores receberão desde a entrada em campo, a manifestação de confiança e de apreço que se traduzirá na voz uníssona das dezenas de milhares de brasileiros presentes à justa. Precisamos colocar o Brasil nas disputas finais. Temos que ser um dos quatro finalistas. Só nos serve a vitória sobre os iugoslavos. Se o público quiser, se a imprensa impuser, nós venceremos. (JORNAL DOS SPORTS – 6397: 01/07/1950, 5)

O cronista e escritor José Lins do Rego, torcedor declarado do Flamengo, fazia coro: “Vamos hoje, no maior estádio do mundo, decidir uma parada decisiva para o Brasil”. A ideia de criar uma comunhão entre torcida e seleção indicava mais uma vez a campanha ufanista do jornal, tornando o futebol, um esporte, num índice de afirmação nacional perante o mundo.

No fim das contas o Brasil conquistou a vitória com um desempenho brilhante de Zizinho. Mas um fato importante passou despercebido, antes de ser comentado pelo treinador iugoslavo durante entrevista ao jornal. Os estrangeiros fizeram viagens cansativas enquanto que o Brasil jogava sempre no Maracanã, com exceção da partida contra a Suíça, no Pacaembu. Mas quem se importaria com o cansaço dos “inimigos”?

6.4. Brasil x Suécia

Com o encerramento da primeira fase após o jogo contra a Iugoslávia, a seleção brasileira estava classificada para o agrupamento final do torneio ao lado de Suécia, Espanha e Uruguai, equipes que enfrentaria exatamente nesta ordem. Com um espaçamento maior de datas entre as partidas, o Jornal dos Sports buscava destacar a preparação da equipe nacional para “as batalhas”, como numa fotografia do treinamento acompanhada pelo seguinte texto-legenda, que exaltava os jogadores brasileiros.

Preparativos para a etapa final – Voltaram ontem à cancha os jogadores brasileiros. Iniciando os preparativos para as batalhas da etapa final, com exercícios individuais de ginástica. Vemos, ao alto, Jair, Barbosa e Augusto, com Danilo, em primeiro plano, entregues à prática mencionada. É de notar o empenho de Augusto nesses flexionamentos enérgicos a que se entrega para obtenção de uma perfeita forma física. (JORNAL DOS SPORTS – 05/07/1950, 1)

O correspondente na Europa, Albert Laurence, decretou que haviam “dois favoritos: Brasil e Uruguai e dois ‘outsiders’ Espanha e Suécia” para a fase derradeira. Na mesma crônica, o jornalista afirmou ainda que o maior triunfo do país, até então, eram os grandes elogios dos observadores estrangeiros a respeito da “perfeita conduta das torcidas brasileiras, em particular durante o grande jogo Brasil x Iugoslávia”. O trecho evidencia a preocupação do JS em valorizar a postura exemplar dos compatriotas, sobretudo uma parcela abastada da população, como dissemos em capítulos anteriores, que tinham mais acesso às arquibancadas naquela época.

No dia seguinte, dois dias antes da partida, uma pequena nota aponta o quanto o futebol servia como instrumento de publicidade para autoridades esportivas. Um box avisava que a partir da partida entre Brasil e Suécia, os hinos nacionais passaram a ser entoados no início das pelejas. Logo abaixo, descrevia uma homenagem que os jogadores brasileiros fariam ao presidente da CBD, Rivadavia Corrêa Méier, afastado por motivos de saúde, “uma outra cerimônia, que por certo, tocará o coração e o sentimento de todos os desportistas”, segundo o jornal.

O bom-humor, raro nas páginas, ficava por conta das charges de Otelo. Num quadrinho, o cartunista brinca que a estratégia sueca para marcar os gols seria despir-se quando a pelota estivesse próxima à grande área defendida pelos brasileiros. A nudez dos atletas, ainda que ilustradas como em desenhos simples, surpreende quando analisada o contexto e o público-alvo do periódico.

No dia anterior à véspera da primeira partida da fase final contra os suecos, as manchetes mais uma vez ressaltavam a relação significativa de proximidade entre esporte e guerra. Em tipos maiores, “Esta é que será a luta decisiva”, e, em menor escala, “50 minutos de ação sem busca de goals. Ótima disposição. Um a zero, tudo pronto e agora repouso para a grande batalha de amanhã”. Outra evidência encontrada reforça a relação que Mário Filho gostava de manter com dirigentes e encontra-se na nota publicada, na capa do mesmo dia, sobre a “gratíssima visita” de Jules Rimet, presidente da Fifa durante

a Copa do Mundo de 1950, ao Jornal dos Sports. Vimos anteriormente que o bom trânsito do diretor do Jornal dos Sports foi muito importante para a influência que o veículo exerceria sobre os rumos do ludopédio por essas terras.

Na véspera, o título “Marcha a passo firme para a Copa” estampado na primeira página reforça o quanto o léxico militar era utilizado pelo jornal. No topo, a chamada “Todo o Brasil confia em seus cracks” indicava mais um recorde de renda no Estádio Municipal, informação jornalística importante, e que o veículo fazia questão de destacar, sempre que possível. Os suecos também ocupavam um espaço considerável, cercado de exagerados elogios e excesso de cordialidade.

Com a palavra os suecos.

Preparada a turma escandinava para a batalha de hoje. O football, um excelente meio de fazer amigos e aproximar povos.

Passaram o dia ontem em repouso, em sua concentração do Hotel das Palmeiras, os jogadores da seleção sueca que logo mais estará em campo com a do Brasil dois necessários e cobiçados pontos do turno final da Copa do Mundo de 1950. Lá, foi a reportagem do Jornal dos Sports encontra-los em um ambiente do mais sadio otimismo e bom humor. Animadas palestras, gente ao piano, piadas e nada de football. Raynur, o técnico da seleção, absolutamente contente com o estado físico e com o bom moral de seus pupilos. “Uma das razões pelas quais foi escolhido a concentração da seleção da Suécia”, disse ele, “é o sossego que se desfruta aqui, além do puríssimo ar de montanha tão salutar para quem pratica”

Ao mesmo tempo, o confronto entre espanhóis e uruguaios, tido como um confronto entre “a tradicional fibra oriental ante a habilidade técnica dos ibéricos”, ganhava quase uma página inteira de matérias que apresentavam dúvidas sobre a participação de jogadores importantes das equipes.

O rádio transmitiu todas as partidas da Copa do Mundo de 1950, com especial destaque para as narrações de Ary Barroso e de Gagliano Neto. No entanto, não havia, aparentemente, uma concorrência para conferir quem publicava as informações primeiro. Tanto que, muitas vezes, páginas do Jornal dos Sports traziam conteúdo convocando o público a ouvir as transmissões em locais públicos ou publicando textos dos radialistas, como este de Gagliano Neto.

Precisamos criar uma auréola de entusiasmo, confiança e incentivo, sobre o “Estádio Prefeito Mendes de Moraes”, para que, sob a influência irradiante desse desejo de todos os brasileiros, da Ponte dos Touros ao extremo de nossos limites com a Bolívia, e do Arroio Chuy ao Oyapock, os nossos onze homens vençam todos os seus adversários no Quarto Campeonato Mundial de Football.

TUDO PELO BRASIL, PELA COPA DO MUNDO” (JORNAL DOS SPORTS – 09/07/1950, 4)

Na mesma página, o periódico fazia pedidos ao torcedor – “Não te reserves! Aplauda! Grita! Ovaciona! Entusiasma nossos jogadores! Transmite-lhes apoio com o máximo de teu vigor” – e trazia um anúncio em forma de mensagem de um candidato a vereador, parabenizando os torcedores brasileiros e conclamando o público a votar em “Nelson Antunes, amigo do desportista”. Percebe-se novamente como o esporte poderia ser usado politicamente por instituições e autoridades, dentro das páginas jornalísticas do veículo em questão.

As manchetes após o jogo não foram tão fortes. O título de maior tamanho era referente ao próximo duelo, contra a Espanha. “Mr. Leafé dirigirá Brasil e Espanha”, dizia o texto em caixa alta. Talvez seja explicado pelo fato de que o jogo ante os suecos fora realizado num domingo e o Jornal dos Sports não era publicado às segundas-feiras. A abordagem foi um pouco diferente, ainda que elogiando os “heróis” da vitória. A equipe escandinava era saudada por encarar a “derrota com serenidade e sobretudo alto espírito desportivo”, o que era uma constante nas coberturas de vitórias brasileiras. O que pode ser entendido como uma forma de valorizar ainda mais a vitória, ao enaltecer os adversários mesmo que estes tenham jogado tão mal, a ponto de serem derrotados por 7 a 1, placar que Mario Filho tratou como “uma das maiores e belas vitórias da história do football brasileiro”. Sessenta e cinco anos depois, outro 7 a 1 entraria para a história, só que não teria nada de belo nisso.

Não haveria força capaz de evitar a esmagadora derrota da seleção sueca diante do scratch brasileiro. O scratch brasileiro, naturalmente, jogando a partida que jogou. Há quem pense que se a seleção sueca atuasse melhor não perderia de tanto. Esta é uma maneira de não aceitar o match como foi. E que só poderia ser o que foi, não porque a seleção sueca tivesse jogado mal, mas porque o scratch brasileiro jogou uma partida que dificilmente será igualada. Isto foi o que se viu no Estádio e não outra coisa. Raras vezes qualquer conjunto no mundo jogou o football que o Brasil jogou contra a Suécia. (JORNAL DOS SPORTS – 11/07/1950, 9)

6.4.1 Anexo A: Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, nº 6402, 07/07/1950. p.1.

(Notícia Na 6.ª Página)

Torneio Initium A 30 Do Corrente



050

Sete Fontes Vendendo Arquibancadas E Gerais Desde Hoje

Os arquibancadas nacionais re-
toram hoje ao campo de Ta-
ta, para um repêso esportivo
que incluirá o jogo de futebol
dos preparativos para a sele-
ção de futebol para a Copa.
Trata-se de um jogo que
objetivo mais a forma física
do atleta do que o resultado.

NA CANCHA OS BRASILEIROS

TODOS EM ATIVIDADE

O Jornal dos Sports, criado em 1925, é o mais antigo jornal esportivo do Brasil. Seu endereço é: Rua do Ouvidor, 111, Rio de Janeiro. Telefone: 2-1111. Preço: 100 réis. Anual: 12.000 réis. Semestral: 6.000 réis. Trimestral: 3.000 réis. Mensal: 1.000 réis. Venda por quilo: 100 réis. Venda por quilo: 100 réis. Venda por quilo: 100 réis.

MANTIDO O ONZE NACIONAL

ASSEGURA FLAVIO QUE JOGARAO CONTRA A SUECIA OS VENCEDORES DOS IUGOSLAVOS — ACIMA DE TUDO PREVALECE O FATOR CONJUNTO

Está dando calor, oficialmente conhecido como "onze" brasileiro que venceu a Suécia, o time do "Copa do Mundo". Falando a respeito do JORNAL DOS SPORTS, o jogador Flávio Costa assegurou que contra a Suécia o fator "onze" não é o único. O fator "conjunto" é o mais importante. O jogador Flávio Costa assegurou que contra a Suécia o fator "onze" não é o único. O fator "conjunto" é o mais importante. O jogador Flávio Costa assegurou que contra a Suécia o fator "onze" não é o único. O fator "conjunto" é o mais importante.

YEN A PALANCA UM VETERANO DA "COPA" DE 38

"DEIXEM FLAVIO TRABALHAR!"

AFONSIÑO VATICANO A NOSSA — VITORIA NA "COPA" DE 1938

Edição De Hoje 10 Páginas

Será A Tarde O Ajuste Decisivo Do Conjunto

— Depois: Repouso E Repouso —

Os jogadores do "onze" brasileiro que venceu a Suécia, o time do "Copa do Mundo", estão se preparando para o jogo decisivo da tarde. O jogo será a tarde, para o "onze" brasileiro que venceu a Suécia, o time do "Copa do Mundo".

Flavio Costa Foi Ver Os Suecos

Mantido No "Onze"

TREINARAM OS ESPANHÓIS

TEMPO COMPLETO

Preparação Especial Para Remanescentes — Tchau E Tchau —

Em Português

COLABORAÇÕES

Na Página 5

Evoluções Dos Suecos No Estadio Municipal

EXERCÍCIOS INDIVIDUAIS, BATE-BOLA E AINDA TREINAMENTO DE PASSES

CHAVE SUECA

ELAS ATACARÃO ATE' DEPOIS DA JORNADA

SUPLENTE DE TODOS OS JOGADORES

BARBOSA ACHOU TANTA GOSTA QUE DESAMARCA

Viria Ao Brasil A Seleção Francesa

Declaração De Sr. Jules Rimet Em Recife

APROVEITE AGORA!

Compre na grande venda de FIM DE SERIE as famosas casimiras "Imperial"

R. Monteiro S. A.

Rua Uruguiana - 106 - Esq. Rosario

Av. Rio Branco - 151 - Esq. Assembleia

Senador Dantas 7

6.5. Brasil x Espanha

Contra a Espanha, as prévias e os textos pós-partida não seriam diferentes. Tratado como uma “grande batalha”, o jogo contra os espanhóis, que empataram com o Uruguai na primeira partida – os uruguaios empataram o jogo com um gol de Obdulio Varela, nos instantes finais da peleja - seria mais fácil do que o previsto. Na antevéspera, o jornal usava a primeira pessoa para convocar a torcida ao tradicional ato nacionalista: “Cantemos o hino nacional, no Estádio Municipal”, exclamava. Abaixo, uma mensagem do Senado Federal clamando por “maior incentivo aos cracks da seleção do Brasil”

Foi estabelecido pelos organizadores da Copa do Mundo de 1950 que somente seriam executados os hinos nacionais das nações em disputa, por ocasião das partidas do turno final, como já foi feito aqui e em São Paulo, no último domingo. No entanto, ao ser executado o Hino Nacional Brasileiro, embora ouvido com o devido respeito por toda a multidão que se encontrava no Estádio Municipal, não foi o mesmo cantado. Reparando nisso, enviou-nos a Associação Atlética do Senado Federal um telegrama, pedindo-nos que iniciemos uma campanha no sentido de que seja cantado o Hino Nacional Brasileiro pela torcida, por ocasião do hasteamento da Bandeira, como incentivo aos nossos cracks (JORNAL DOS SPORTS – 12/07/1950, 1)

O Jornal dos Sports, em que pese a sua vasta cobertura das equipes estrangeiras, dava um especial tratamento sempre que a seleção inglesa, árbitros britânicos ou jornalistas bretões estivessem envolvidos nas notícias. Tanto é que a única capa em que o Brasil não ocupava a maior parte do papel impresso foi justamente na vitória de 1 a 0 dos Estados Unidos sobre os ingleses. No entanto, uma coluna de Augusto Rodrigues, “A Inglaterra recusa-se a ‘descobrir’ o football brasileiro” mostrou um incômodo do jornalista com o viés pelo qual o torneio, segundo Rodrigues “o maior certame footballístico jamais realizado no mundo”, era abordado pela imprensa anglicana.

E, ausentes os cronistas, o público inglês também ficará desconhecendo quase que totalmente a capacidade de ação do football brasileiro, suas virtudes, suas características, seu brilhantismo e sua eficiência, como um todo. Para a austera imprensa inglesa, tão certa dos seus julgamentos, tão auto-suficiente e que faz da arte de informar uma religião, a fuga dos representantes vai redundar no fracasso de todas as virtudes que vimos de proclamar. O vasto público leitor das Ilhas está sendo mal informado e terá uma falsa impressão da força do football brasileiro que, para muitos dos correspondentes que fazem o seu pronunciamento “infalível” através das exibições contra o México e Suíça, está no nível dos clubes da segunda divisão da Inglaterra... Seria impiedoso indagar se os jornalistas vieram assistir à conquista da “Taça do Mundo” pelos Reis do Football ou se vieram “cobrir” o campeonato do mundo.

Apesar do tom agressivo em alguns momentos, a crítica reforça o quanto a percepção inglesa do evento e do futebol produzidos pelos brasileiros era relevante para

o Jornal dos Sports. Tal impressão reverbera-se logo abaixo, quando uma crônica de Willy Meisl, repórter do Sporting Record, de Londres, - embora nascido na Áustria – referia-se aos elenco brasileiro como “os campeões do mundo”. O texto caracterizava o futebol brasileiro como virtuoso, sem preocupações demais com segurança defensiva e muito ofensivo. Adjetivações que se eternizariam no imaginário social como elementos essenciais do “jogo bonito” criado pelos brasileiros.

No dia após o jogo, uma foto de meia página ilustrava o quarto gol, marcado por Chico: “Outra vitória excepcional”, com metade das letras sobrepostas à imagem. Era a segunda vez que o jornal decretava “a maior vitória do scratch brasileiro”, classificação que fora conferida também depois da goleada em cima dos suecos. A partida contra a Espanha terminou com um incontestável 6 a 1. O detalhe é que, num pequeno box, quase no pé da página anunciava um resultado que seria decisivo, a vitória dos uruguaios, após estarem atrás no placar por duas vezes.

A terceira página do jornal, com a primeira matéria completa da partida, trazia a satisfação dos espanhóis com os aplausos e o reconhecimento da “educada torcida brasileira”, que, segundo o jornal, esperavam outro tipo de comportamento, mais agressivo. Uma bobagem, segundo o JS, dita possivelmente por “algum leviano, naturalmente algum despeitado ou algum mal esportista”.

Outro fato curioso consiste em uma fotografia que serve como uma espécie de tira-teima, recurso visual comum em transmissões televisivas para solucionar dúvidas em marcações dos árbitros, sobretudo em lances de impedimento. Na imagem em questão, a legenda diz que o juiz não deu gol para o Brasil, alegando que o chute batera na rede pelo lado de fora. No entanto, segundo o fotógrafo Indaiassú Leite, autor do registro, a bola cruzou a linha de gol. O título da legenda é “A dúvida que a fotografia vai criar”. Não poderiam imaginar as intermináveis dúvidas que até hoje, ainda sem o auxílio da tecnologia, surgem a partir de decisões equivocadas dos juízes e bandeirinhas.

Uma página inteira analisou a vitória dos uruguaios, ainda que sob uma perspectiva pendente para o lado sueco, diante de um público pequeno, no Pacaembu. “Prevaleceu a escola sul-americana, mas os suecos não mereciam a derrota”, afirmava o periódico.

Pequeno público passou ontem, pelo Pacaembu. É que os paulistas também deviam estar preocupados com o grande espetáculo, que àquela mesma hora se faria no maior estádio do mundo. Sobrava para os torcedores bandeirantes um espetáculo sem grande atuação, de corresponde ausência de um número mais avultado de espectadores naquela praça de esportes. Suecos e uruguaios foram os protagonistas da pugna. Os orientais aos quais só interessava a vitória, impuseram-se pelo melhor preparo físico e um pouco também pela rapidez. Já os nórdicos, conquanto se empenhassem à cata da reabilitação, exibindo um football menos estático que das outras vezes, não conseguiram êxito. Eles tiveram uma primeira fase destacada, mas no segundo tempo não dispuseram de forças para manter esse ritmo de jogo. Também não constitui nenhum exagero afirmar-se, por exemplo, que o team de Svensson superou a “Celeste” na etapa inicial. Essa supremacia, no entanto, não foi além dos 45 minutos. (JORNAL DOS SPORTS – 14/07/1950, 8)

Curioso que, se atermo-nos à descrição da reportagem, a escola uruguaia, tida como “sul-americana”, difere bastante da brasileira que vimos anteriormente em diversas ocasiões.

6.6. Brasil x Uruguai

A manchete do dia 15 de julho de 1950, no dia anterior à partida, ditava o tom dos textos noticiosos e das crônicas: “Tudo preparado para a vitória”. Até mesmo manchetes mais cautelosas não conseguiam esconder o otimismo exacerbado das páginas do jornal. “Reconhecem os brasileiros os méritos dos uruguaios. Estão confiantes, porém, na conquista da Copa do Mundo”, dizia.

O noticiário apontava mais uma vez a ausência de Maneca, habilidoso ponta baiano, que fora substituído já na partida contra a Espanha por Friaça, e a escalação do árbitro inglês Mr. Leafe, muito elogiado pelo Jornal dos Sports na partida contra os espanhóis, para a decisão do torneio. Nas páginas internas, uma matéria expunha a visão da crônica italiana acerca das vitórias brasileiras, com adjetivos como “esplêndido”, “irresistível” e “ultrapoderoso”. A sensação era indisfarçável.

O contraponto dava-se numa matéria que mostrava o encerramento das cadeiras numeradas em apenas uma hora. Até aí, aparentemente, apenas o resultado da procura incessante do público por um lugar na final. Entretanto, ocorre que o fechamento deu-se após a venda de apenas 60 ingressos. Sendo que dirigentes compareceram aos locais para recolher 900 cadeiras para distribuição, que culminou num boato de renúncia do presidente da CBD, Mario Pollo, que escrevia regularmente para o jornal. O fato gerou uma matéria de meia página e um tom mais distanciado no tratamento aos dirigentes do futebol nacional.

Uma coisa é indiscutível no meio de toda essa confusão. É que nenhuma culpa cabe aos estabelecimentos comerciais, aos teatros e ao Clube Ginástico Português que tão espontaneamente se prestaram a auxiliar o povo na aquisição dos ingressos para os sensacionais jogos da Copa do Mundo de 1950. E uma prova disso está na retirada intempestiva de cadeiras numeradas depois de já estarem postas à venda por funcionários graduados e credenciados da entidade máxima desportiva do país. Esperamos que sejam esclarecidas essas graves irregularidades que tanto vem depor contra os responsáveis da Confederação. E é de lamentar que num torneio em que as partidas tem decorrido num ambiente de tanta elevação desportiva, trazendo elogios de toda a imprensa mundial aos nossos jogadores e ao público brasileiro, sejam justamente os dirigentes da entidade máxima que venham a dar a nota dissonante, numa completa demonstração de falta de senso de responsabilidade (JORNAL DOS SPORTS – 15/07/1950, 8)

É verdade também que os redatores mais importantes, como Mário Filho, Geraldo Romualdo, Vargas Neto e José Lins do Rêgo pregaram cautela em seus textos. Inclusive, um anúncio do refrigerante Guará, que promoveu uma enquete com os torcedores para descobrir o maior craque da seleção brasileira, decretava que o torneio ainda não estava decidido e que o fator “psicológico” poderia atrapalhar a vantagem técnica da seleção brasileira.

“À vitória, Brasil!”, “Serve o empate, mas todos querem o triunfo! Excepcional, a disposição dos nossos cracks”, “Lágrimas de confiança! Falando aos cracks do Brasil, o presidente da CBD não conteve a emoção”, “Agora é dar ao Brasil a Copa do Mundo! Fala Augusto pelos jogadores e Flavio lembra que tudo está preparado para a luta” eram as principais manchetes no dia 16 de julho. Um pequeno título da capa, no canto esquerdo, com menos de quatro linhas, dizia “Preparados fisicamente os ‘celestes’”.

O jornal tratava como “colossal o entusiasmo pela grande peleja!” pelos torcedores, tidos como “heróis anônimos de uma jornada gloriosa”, textos colocados ao redor de duas fotografias, uma mostrando a fila gigantesca de torcedores e outra mostrando pessoas que dormiram no chão esperando o momento de comprar uma das 120.000 entradas que foram postas à venda e vendidas, sem problemas aparentes, num único dia. O total de presentes, entretanto, seria de 200 mil pessoas.

Conquistando o Brasil o título de Campeão do Mundo, como tudo indica que aconteça, quando os jogadores e o técnico estarão sendo vivados, a legião de heróis anônimos que pernoitaram no relento, em cimento duro, aguardando o momento de comprar os ingressos para a grande pugna estarão felizes e satisfeitos, a despeito do sofrimento de 24 horas antes. Mas, a vitória pagará tudo e apenas à tarde luminosa da vitória máxima ficará na memória destes heróis torcedores, destes que superaram todos os obstáculos para apoiar a seleção na luta final. (JORNAL DOS SPORTS – 16/07/1950, 3)

Uma nota curiosa ficava por conta do “Grito de guerra da torcida do Brasil”, composto por Lamartine Babo – autor do hino dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro -, a ser cantado pela torcida.

Grito de guerra da torcida do Brasil
 Eu sou brasileiro
 Tu és brasileiro
 Muita gente boa brasileira é!
 Vamos torcer com fé
 No nosso coração
 Vamos torcer para o Brasil ser Campeão
 Um... Dois... Três...
 Quatro... Cinco... Seis...
 Sete... Oito... Nove...
 Para doze faltam três...
 Brasil!...

Salve! Salve!
 O nosso Estádio Municipal
 No Campeonato Mundial
 Verde... Ouro e Anil!...

Brasil! Brasil! Brasil!
 (JORNAL DOS SPORTS – 16/07/1950, 6)

Numa outra página, Geraldo Romualdo sentenciava que “nunca tão poucos fizeram tanto pelo Brasil”, conferido ao jogo uma dimensão além do gênero esportivo

Por incrível que pareça é muito cedo, cedo demais, e nem todos podem de fato avaliar pela experiência do vagabundeio por vidas e mundos estranhos o que de benefício, o quanto de benefício está prestando o football a vida brasileira. Só mesmo quem já esteve mais longe das fronteiras do Prata e só mesmo quem andou pelas vizinhanças do “Sol da Meia Noite”, pode contar e escrever sem rebusco e sem temer cair em exageros que isso que os atletas estão fazendo pela economia e pelo desbravamento das nossas existências e realidades vale mais, muitíssimo mais do que todas as comissões de propaganda que os Governos têm espalhado pelos quatro cantos da Terra. Mais até do que o samba, muito mais do que o café, muitíssimo mais do que os raros cartazes do Pão de Açúcar e de Copacabana. Primeiro ele, o football.

Mário Filho, José Lins do Rego e Vargas Netto chamavam a atenção para a garra típica dos jogadores uruguaio, embora a geração que enfrentaria o Brasil fosse mais fraca que a bicampeã olímpica e campeã mundial. Alfredo Curvelo era menos cauteloso e escrevia “Daqui a pouco o título máximo”. Os recados sobre a “Celeste Olímpica” estavam certos. O resto da história, todos sabemos.

O jogo novamente acontecera num domingo, então a cobertura do jornal só foi publicada na terça-feira, 18 de julho de 2015. No topo do jornal, a declaração do treinador Flavio Costa foi utilizada como título principal: “Assim é o esporte”. Também estampada

na primeira página, uma manchete servia como consolação, não obstante criticando a postura dos uruguaiois: “Escreve Willy Meisl, conhecida autoridade da crônica europeia, especialmente para o Jornal dos Sports: Uruguai, campeão mundial, de fato; mas o Brasil, melhor team do mundo”.

Quando o apito final soou no Estádio Mendes de Moraes, uns poucos colegas uruguaiois fizeram-nos uma original ovação. Encarando-me, disseram “Willy Meisl, que tal as suas previsões agora?!” e outras coisas semelhantes, de maneira debochante. Não obstante estar um pouco abalado pela inesperada derrota do Brasil, não pude deixar de me inclinar para trás e dar boas gargalhadas. Que ideia absurda a de derivar minha admiração pelo onze brasileiro para algo semelhante a aversão ou inimizade pelo Uruguai. Que perversidade! Quando o Uruguai era desconhecido na Europa, foram principalmente minhas loas a seu football que fizeram nascer a glória daquele maravilhoso país através da Europa Central; e espero que desta vez meus artigos hão de ajudar a fazer o mesmo pelo Brasil. Rindo, retorqui: “Alegrem-se com sua vitória! Vocês são os campeões mundiais de fato, mas não é minha culpa se o Brasil continua sendo o melhor team do mundo no presente.

Sem dar muita importância aos méritos uruguaiois, que contava com jogadores talentosos, Mário Filho apontava a razão para a derrota, ao dizer que “só os brasileiros tinham tudo a perder”. A ofensividade, antes tão elogiada, teria sido mais um dos problemas, após o Brasil abrir o placar com um gol de Friaça. “Os brasileiros, em vez de se guardarem, de repousarem mais na defesa, entregaram todas as esperanças do ataque”, escreveu. O diretor do jornal criticou principalmente a postura de Bigode, ala-esquerda da seleção, na partida.

A missão de Bigode no scratch, antes que Augusto recuperasse a forma, era de marcar por zona para poder cobrir o claro deixado por Juvenal quando Juvenal fosse em socorro de Augusto. Contra o Uruguai a preocupação de Augusto já passara. E Bigode não marcou junto. Deixou sempre que Gighia dominasse a bola. E como se tratava de um extrema hábil que tinha por companheiro o melhor atacante uruguaio, Julio Perez, Bigode ficou em desvantagem e foi perdendo coragem de ação. Diga-se, porém, em favor de Bigode, que ele não teve o socorro de ninguém. (...) Não se pode culpar um homem nem nenhum homem. Todos tiveram a sua participação na derrota.

Mário Filho terminava a crônica valorizando os méritos brasileiros.

Vamos continuar apoiando o futebol brasileiro, não deixemos que o football brasileiro que deu as duas maiores exibições do football mundial caia na depressão, confie menos em si mesmo. O football brasileiro é o mesmo que provocou o entusiasmo dos críticos estrangeiros. Dos críticos estrangeiros que também ajudaram a formar esse ambiente de vitória certa. A lição que ficou é a de que não há vitória certa. Que num match qualquer team pode derrotar qualquer team. E embora perdêssemos o campeonato do mundo ganhamos o Estádio que é uma prova da capacidade de realização do brasileiro, ganhamos a admiração do mundo por termos realizado o mais brilhante campeonato do mundo de todos os realizados, por termos oferecido aos disputantes do campeonato do mundo um ambiente de segurança ainda não oferecido em

nenhum outro campeonato do mundo e por termos exibido o melhor football do mundo. Temos também muitos motivos de orgulho. Orgulhemo-nos do que orgulharia qualquer povo no mundo. (JORNAL DOS SPORTS – 17/07/1950, p.8)

De certa forma, apesar da derrota, o Jornal dos Sports preferiu reforçar elementos positivos do torneio. Por mais que a derrota fosse dolorosa e fossem feitas críticas a alguns jogadores, Mário Filho tratou de reverenciar a “grande capacidade” dos brasileiros ao organizar a Copa do Mundo. Como vimos, esse comportamento patriótico foi uma tendência e será analisado mais à frente neste trabalho.

6.6.1. Anexo B: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6409, 15/07/1950. p.1.6.6.2. Anexo C: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6411, 18/07/1950. p.1.

7. A cobertura da Copa do Mundo de 2014, pelo diário Lance!

Este capítulo pretende continuar a apresentar elementos relevantes dos materiais analisados. Dessa vez o objeto é composto pelas edições cariocas publicadas pelo diário Lance! durante a Copa do Mundo de 2014, com foco especial para as matérias referentes à seleção brasileira de futebol. Apresentaremos no mesmo formato, separando as edições a cada partida realizada pelo Brasil na competição. Por exemplo, no tópico Brasil x Croácia abarca as edições publicadas até o dia anterior ao jogo Brasil x México, e assim por diante.

7.1. Brasil x Croácia

A capa do Lance! no dia da estreia, 12 de junho 2014, trazia a bandeira nacional ao fundo com o texto “#somostodosbrasil” no lugar de “Ordem e Progresso”. Um sinal dos novos tempos, a utilização da hashtag - # - serve para delimitar um assunto ou criar uma expressão que outras pessoas possam comentar nas redes sociais sobre um tema pré-determinado da internet. O título descrevia uma declaração de Neymar, o principal jogador da seleção, ao público: “É hoje! Em dia histórico, Brasil enfrenta a Croácia na estreia da Copa. ‘Estamos prontos para realizar o sonho dos brasileiros’, diz Neymar”.

Diferentemente do Jornal dos Sports, a primeira página não tratava exclusivamente da Copa do Mundo. Pequenos títulos abaixo da imagem da bandeira informavam notícias dos outros quatro grandes clubes do Rio de Janeiro. Isso mostra que a seleção apenas não era suficiente, talvez, para atrair a atenção dos torcedores-compradores, o público-alvo do Lance!

Outra diferença está na abordagem. Enquanto o JS era só elogios à execução do torneio, a primeira coluna do diário publicada durante a Copa, do jornalista André Kfoury, chamava a atenção para eventuais problemas da organização que também teriam ocorrido quatro anos antes, na Copa do Mundo da África do Sul. Os assuntos extracampo estavam muito em voga, desde o ano de 2013, que ficara marcado para a história como o ano das “Jornadas de junho”, grandes manifestações de cunho político que tomaram conta das grandes cidades no Brasil e do noticiário dos periódicos. Uma das bandeiras das mobilizações eram justamente os altos custos na organização da Copa do Mundo enquanto o país não corrigia seus problemas estruturais e ainda prejudicava parcelas

menos abastadas da população com remoções forçadas e barreiras na mobilidade urbana, devido às obras. Tanto que, nas páginas centrais, o jornal trazia o slogan “Vai ter Copa! Apesar de obras inacabadas, promessas não cumpridas, gastos exorbitantes, previsões de greves e protestos, a bola vai rolar a partir de hoje nas 12 sedes”. A campanha era oposição ao grito de ordem de manifestantes críticos à realização da Copa, o “Não vai ter Copa”.

Junta-se a isso a desconfiança que tomou conta de boa parcela da população antes da abertura do torneio, devido aos atrasos nas obras e denúncias de superfaturamento. André Kfoury, no entanto, tratou de ressaltar.

Colunas semelhantes serão escritas em vários idiomas a partir de hoje, expondo os defeitos da Copa do Mundo do Brasil. O início do evento é a largada para todo tipo de avaliação. Elas são necessárias, obrigatórias até, mas não devem levar ninguém a pensar que “nunca na história desta Copa” houve tantos problemas. (LANCE! – 12/06/2014, 2)

O tom mais humorístico do jornal também fica claro numa pequena chamada para a primeira partida.

1º encontro

Se as estreias são mesmo inevitavelmente complicadas, a de hoje deve atingir um patamar inédito. Em casa, com carga máxima de responsabilidade e cobrança, contra um oponente que pode se aproveitar da ocasião. Dificuldades serão compreendidas. Se a Seleção Brasileira tratar a bola como sua namorada, este dia 12 de junho terminará com uma saborosa comemoração. (LANCE! – 12/06/2014, 2)

Como não poderia deixar de ser, a primeira matéria referia-se ao trauma de 1950. O título “Para (re)fazer a história” apresentava uma matéria de duas páginas com a cuidadora do goleiro Barbosa, um dos personagens principais da partida contra o Uruguai, na qual teria falhado ao tentar adivinhar um cruzamento de Gighia, que chutou para o gol.

Mais adiante, uma reportagem intitulada “Paizão”, apresenta as qualidades do treinador Luiz Felipe Scolari, o Felipão. A reportagem trazia elogios de Neymar, do atacante Fred e de outros atletas ao treinador, dono de “resultados excelentes em Copas, pequenos gestos e atitudes firmes: foi assim que Felipão conquistou o time”. Abaixo de uma fotografia do técnico piscando um olho – num efeito que simula o gesto diretamente para o leitor –, o jornal publicou as seguintes aspas.

Gostaria de agradecer, em nome da comissão técnica e de todos os jogadores, à presidente Dilma, que mandou mensagem, ao senador Aécio Neves, que telefonou, aos ex-presidentes Lula e Fernando Henrique Cardoso, ao ministro

Gilmar Mendes e, acima de tudo, aos torcedores que enviaram cartas e mensagem de carinho à Seleção desde nossa chegada à Granja Comary. (LANCE! – 12/06/2014, 8)

A publicação demonstra o esforço, reverberado pelo técnico da equipe, de unir o Brasil em torno de uma causa: o título da Copa do Mundo. Um processo semelhante ao feito editorialmente por Mário Filho no Jornal dos Sports, 64 anos antes. Dilma e Aécio Neves seriam os candidatos da mais acirrada e agressiva eleição presidencial da história. Os ex-presidentes Lula e Fernando Henrique Cardoso trocavam farpas diretas via imprensa. Ainda assim, a mensagem de Scolari transparecia uma união, protocolar, é verdade.

O colunista Mauro Beting arredondou a questão com o texto “Conviva a Copa!”, em que apresenta mais um ponto de vista. O de que o Brasil já perdeu a Copa – em termos simbólicos, de uma oportunidade político-econômica para construir legados sociais importantes -, mas que isso não impedisse a festa popular.

A vitória que virá, se vier, será da Seleção, não do Brasil. A Copa é para o mundo, não só para o Brasil. Espero em 2014 tudo que se esperava de 2007, quando se oficializou o que se sabia desde 2003: será uma festa para muito a farra que já foi para poucos. O legado que vai ficar como conta para os netos, os alegados atrasos só delegados poderiam resolver na Copa dos capos. A seleção pode ganhar o hexa, mas o Brasil já perdeu a Copa. Perdemos a chance de fazer um Mundial para os brasileiros, e não uma Copa do patrão Fifa – patrão mesmo, que o nosso padrão é pedir perdão no pinico. (LANCE! – 12/06/2014, 42)

Dentro de campo, ou melhor, das páginas do jornal, um show de estatísticas. Os recordes que Neymar poderia quebrar, as tabelas dos jogos, os números de Felipão à frente da seleção e uma página inteira de análise tática, feita pelo jornalista André Rocha. O analista apostou numa suada vitória por 1 a 0. Quase acertou.

O resultado foi 3 a 1, de virada. A manchete do dia seguinte? “É tudo nosso! A Copa é nossa. Neymar é nosso. O gol da Croácia é nosso. E o juiz também”, escritas sobre uma fotografia de Neymar comemorando o gol. O foco não é o placar, nem há necessidade de enumerar os gols na capa, até porque o público provavelmente assistira aos lances muitas vezes através de vídeos na internet e na televisão.

Nas páginas, apenas uma rápida descrição do jogo. O foco da abordagem eram as visões dos colunistas, unânimes em dizer que a seleção não fez uma boa partida. Os títulos das reportagens seguiam o tom cômico, como, por exemplo, em “Oscar de efeitos

especiais”, em alusão ao meio-campo brasileiro apontado como melhor jogador da partida. Algumas matérias também relatavam problemas na organização, como a falta de assentos para torcedores e confusões no entorno do Estádio de Itaquera, local da abertura. Todo este conteúdo ilustrado com fotografias.

Em comparação a Mario Filho, o diretor, editor e fundador do Lance!, Walter de Matos apresentava-se mais comedido. Tratou apenas de elogiar a exibição de Oscar, jogador que não lhe inspirava muita confiança.

7.2. Brasil x México

A capa do Lance! no dia da partida contra o México trazia mais uma vez a bandeira brasileira, agora na forma tradicional, com uma fotografia dos jogadores perfilados e abraçados ao fundo, cantando a plenos pulmões o hino nacional. “Abraça essa!”, com mais uma chamada: “Brasil pega México no palco da união pelo Hino. Thiago Silva apoia ‘abraço’: ‘Que todos cantem o Hino juntos’”. O “palco da união” traduzia-se na Arena Castelão, em Fortaleza, onde a seleção jogou pela Copa das Confederações, em 2013 e recebeu grande apoio da torcida. Uma matéria sobre o jogo apresentava o título “Pátria amada Brasil!”.

Fortaleza definitivamente pleiteia o marco por ter sido a responsável por reatar a relação entre torcida e Seleção em 2013. E justamente para o retorno do Brasil à cidade, uma campanha abraçada pelas autoridades locais foi criada para reiterar essa corrente firmada a partir do canto do Hino e endossar o apoio dos cearenses e visitantes. ‘Cantar agarradinho’ incentiva os torcedores a se abraçarem no momento da execução do cântico. A iniciativa, inspirada na reação do público no jogo contra o México na Copa das Confederações no ano passado, ganhou as mídias sociais até ser oficializada pela Secopa do Ceará. (LANCE! – 17/06/2014, 6)

A liberdade linguística do jornal permitia que títulos como “Nóis que tá”, uma gíria oriunda das periferias de São Paulo, fossem utilizados, como nessa matéria que falava sobre Neymar, o grande foco das reportagens e um usuário do linguajar. “Neymar tenta chegar ao terceiro gol em dois jogos na Copa, feito que já será histórico. Nem grandes monstros da história da Seleção Brasileira largaram tão bem no torneio”, sentenciava o periódico. A ideia era criar um efeito de informalidade. Aliás, uma capa do jornal, após a vitória da Argentina contra a Bósnia, provocava os rivais no futebol com um “Só isso?”, por causa de uma atuação medíocre.

Além da partida, o jornal informava o noticiário de todas as grandes equipes favoritas ao título, como Alemanha, Argentina, França, Holanda, Espanha e Itália. Enviados especiais produziam reportagens diretamente desses países. Caso da reportagem de Bruno Andrade sobre o atacante mexicano Oribe Peralta, enviada da Cidade do México.

Um detalhe importante é que encontra-se, ao longo das páginas impressas, uma série de anúncios de lojas do próprio veículo negociando produtos esportivos e camisas *vintages* das seleções mais importantes, além de anunciantes do torneio. O método de fazer promoções através de selos disponibilizados pelo jornal tornou-se uma estratégia de sucesso repetida por diversos informativos, não só de esportes.

7.3. Brasil x Camarões

Um grande destaque da cobertura do Lance! durante a Copa do Mundo foi o grande investimento em infográficos. Antes da partida contra Camarões, última da primeira fase, o diário publicou um diagrama com as cem partidas da seleção em Copas do Mundo. A arte continha estatísticas como números de vitórias, empates e derrotas, placares, todos os oponentes, o adversário que mais enfrentou – a Suécia -, os destaques de cada torneio, enfim, todas as informações que um leitor antenado gostaria de obter. Possivelmente, esse investimento deriva da criatividade de se propor pautas que não fosse trabalhadas antes por meios de comunicação baseados no preceito do “tempo real”, como a internet e a televisão.

Um anúncio de um quarto de página elencava o quão alto o Lance! investiu na cobertura da Copa do Mundo de 2014 e qual a estratégia elaborada para reter os leitores.

Linha de passe: você começa no diário, passa pro computador, passa pro celular, pro tablet e, quando vê, passou o dia lendo o Lance!

Começou o maior torneio de futebol do planeta e o Lance! se preparou como nunca para fazer a cobertura. Somos o único veículo do Brasil a firmar parcerias com 26 jornais internacionais. Escalamos um time completo: 12 colunistas, convidados exclusivos e uma equipe de 150 jornalistas. Vamos fundo em cada notícia, em cada análise, com boa dose de humor e irreverência para trazer a você tudo o que acontece dentro e fora dos estádios. Impresso. Online. Mobile (LANCE! – 23/06/2014, 30)

7.4. Brasil x Chile

Antes das oitavas-de-final, contra o Chile, o Lance! publicava matérias que criavam um ar de animosidade entre os disputantes, com troca de recados entre os jogadores. A matéria “Ataque à ‘pressão ridícula’” apresentava um cenário de eventual provocação dos chilenos quanto à arbitragem, que teria favorecido o Brasil na primeira fase, ao marcar um pênalti duvidoso contra a Croácia na estreia da seleção.

Um jornalista chileno pegou o microfone na coletiva de imprensa de ontem e perguntou a Felipão o que ele achava das declarações de Alexis Sánchez, Valdivia e membros da comissão técnica de que a arbitragem é o que mais preocupa o Chile para o duelo de hoje. Não deu nem tempo de Scolari responder quando o diretor de comunicação da CBF, Rodrigo Paiva, tomou a palavra e deu duro recado (...) Sánchez afirmou que está no Brasil para fazer história. O capitão Thiago Silva não polemizou, mas não deixou de cutucar o rival.

- Não é provocação. Ele confia no time dele, como eu no meu. Se ele não confiar no time dele... Não estou aqui para responder ninguém. Se ele veio aqui fazer história, eu estou aqui para fazer história. Vai sair um vencedor. Não se pode dizer quem via ganhar. Mas nosso respeito o Chile tem. Se eles não têm, não posso falar nada. (LANCE! – 28/06/2014, 6)

A seleção brasileira ainda não havia apresentado um bom futebol no torneio e os colonistas do diário faziam questão de tocar no assunto. Ainda assim, as matérias do jornal tentavam sempre ressaltar aspectos positivos, como os números de Neymar e a confiança dos jogadores no treinador Scolari. Em relação ao camisa dez da seleção, mais uma matéria foi publicada sobre seus números, agora comparando-o a ninguém menos que Pelé.

Mais que um Pelé

Neymar não tem as duas Copas que Pelé ostentava com 22 anos, mas já o superou em número de gols com essa idade. Ser artilheiro isolado mais precoce das Copas é próxima meta.

Um dos artilheiros da Copa do Mundo, com quatro gols, Neymar quebra marcas e atinge patamar de goleador aos 22 anos que nem mesmo Pelé alcançou em seu início na Seleção Brasileira. Imprescindível ao time de Felipão, o camisa 10 já deixa para trás nomes como Ronaldo e Romário e, hoje, contra o Chile, pelas oitavas de final da Copa, no Mineirão, (com transmissão em tempo real pelo Lance!Net), tenta dar sequência a seus números impressionantes. (LANCE! – 28/06/2014 – 3)

Sem ignorar as críticas sociais que permaneceram durante a Copa, o jornal convidou o sociólogo Mauricio Murad para publicar uma coluna na seção “Opinião”. O

acadêmico escreveu que não via contradição entre torcer pelo Brasil no torneio de futebol e ainda criticar a gestão governamental, a qual generalizou no artigo.

Seleção não é a culpada

É um erro misturar a Seleção com os desmandos e negociatas dos governos, do Comitê Organizador Local e dos cartolas. Se fosse certo fazer isso, não poderíamos jamais torcer nem vivenciar a nossa paixão coletiva pelo futebol, já que todos os poderosos tentam usar o futebol politicamente. Mas é bom não esquecer, que isto foi só depois que o futebol conquistou a “alma popular”, de uma maneira única e definitiva, a partir principalmente das décadas de 1940, 50, 60 e se tornou o nosso maior evento de massas. (...) torcer contra a Seleção poderá ser um equívoco político, gerar o distanciamento e a aversão da maioria “alienada” contra a minoria “consciente”. O fundamental é aproximar esses segmentos e deles retirar as aspás. O futebol é uma grande e simbólica oportunidade e a eficácia dos símbolos, muitas vezes, é maior do que a economia e a política para um país. Afinal, futebol é somente um esporte como outro. Porém, o futebol tem importância cultural única, para a cabeça, o coração e a alma do Brasil. (LANCE! – 28/06/2014, 14)

Com ou sem apoio da maioria, o Brasil passaria pelo Chile nos pênaltis, em grande atuação do goleiro Julio Cesar e foi a capa do jornal no dia seguinte: “Ave, Cesar! Julio Cesar pega dois pênaltis, se redime de 2010, e Brasil passa pelo Chile de forma sofrida”. O goleiro havia falhado quatro anos atrás na partida eliminatória contra a Holanda.

Os cronistas criticavam o “excesso de drama” numa partida que poderia ser mais fácil, ao longo de 13 páginas dedicadas exclusivamente às análises e rescaldos da peleja. Um episódio foi especialmente destacado pela imprensa após o jogo. Durante a disputa de pênaltis e após a vitória do Brasil, muitos jogadores caíram em prantos, inclusive o capitão Thiago Silva, que seria bastante criticado pela falta de “controle emocional”. Contudo, um box na página treze, chamado “Informe Especial” fugia do tom mais distanciando das reportagens e ressaltava o lado positivo da disputa.

Na nossa casa só choramos de alegria

E quem não ficou com as mãos trêmulas, com o coração disparado e os olhos marejados?! Quem não rezou, cruzou os dedos e fez figa?! No primeiro jogo do mata-mata não faltaram emoção, superação e adrenalina, dentro e fora das quatro linhas. Nossos guerreiros começaram a partida dando tudo de si, correndo pelo gol da vitória. Ele veio, com as lágrimas de David Luiz, nosso pilar da defesa que merece nossos gritos. Mas o jogo estava pegado. Os chilenos, que chegaram com moral, não deixavam barato em divididas e contra-ataques e conseguiram o empate para continuar sonhando. Hulk quase nos deu a vitória, mas o drama durou um pouco mais. Os chilenos fizeram um bom segundo tempo e conseguiram pressionar nossos canarinhos até a prorrogação. Os 30 minutos passaram e as redes não balançaram. Era o momento de Julio Cesar superar as críticas que ecoam há quatro anos. Depois de 120 minutos de bola rolando, só muita hidratação e concentração para preparar nosso goleiro e nossos cobradores para o momento mais tenso do

jogo. E na hora da verdade Julio Cesar mostrou que está preparado para o que der e vier, que aqui na nossa casa só vamos chorar de alegria. Mais uma vez a raça e a energia dos nossos guerreiros nos contagiaram e mostraram que podemos acreditar no hexa. (LANCE! – 29/06/2014, 13)

O jornal conferia destaque às declarações de Felipão, que enxergava um complô contra o Brasil feito pela imprensa estrangeira, excessivamente crítica às arbitragens realizadas nas partidas envolvendo a seleção canarinho. Em contraponto, o especialista em arbitragem do Lance!, José Roberto Wright sempre reforçava em suas colunas o “esquema preparado”, embora sem prova alguma, para eliminar os brasileiros.

O inglês Howard Webb, considerado o melhor do mundo, foi um desastre ontem. Deixou a porrada comer solta. Apesar da absurda omissão geral, ele vergonhosamente deixou a aplicação da regra de lado, mas aposto que continuará atuando nesta Copa. É inadmissível um árbitro com esse currículo ignorar o pênalti claro sobre Hulk, que foi empurrado e ainda teve um gol anulado absurdamente sob a alegação de ter levado o braço à bola. O pior foi quem sinalizou: o bandeira 1, que não tinha a menor possibilidade de ver o lance pois não tinha a visão do braço brasileiro, encoberto. Foi uma arbitragem desastrosa. Está na hora de a CBF, que não tem atualmente nenhuma influência nas decisões do comitê de arbitragem da Fifa, como tinha na época do saudoso Abílio de Almeida, peitar a Comissão e exigir árbitros independentes. Vejo esquema preparado para nos tirar da final. Tudo que está ocorrendo eu venho apontando desde a primeira coluna no LANCE!. Vamos sofrer na mão dos apitadores influenciados. (LANCE! – 29/06/2014, 6)

Outro grande destaque do dia foi a eliminação do Uruguai pela Colômbia, que, segundo o jornal, “vingou” o Brasil pela Copa de 1950: era o “Maracanazo colombiano”.

7.4.1. Anexo D: Lance!. Rio de Janeiro, nº 6056, 28/06/2014. p. 4.

BRASIL X CHILE

LANÇEI! SÁBADO, 28 DE JUNHO DE 2014

PELÉ PRECISOU DE 34 JOGOS OFICIAIS PELA SELEÇÃO PRA FAZER 35 GOLS. NEYMAR PRECISOU DE 52!

Mais que um Pelé

●●● Neymar não tem as duas Copas que Pelé ostentava com 22 anos, mas já o superou em número de gols com essa idade. Ser artilheiro isolado mais precoce das Copas é próxima meta

EM BELO HORIZONTE

ARI FERREIRA
ariferreira@lance.net.com.brEDUARDO MENDES
eduardom@lance.net.com.brMAURÍCIO OLIVEIRA
oliveira@lance.net.com.brTHIAGO SALATA
thiagos@lance.net.com.br

DOS ENVIADOS ESPECIAIS

csp.2014@lance.net.com.br

Um dos artilheiros da Copa do Mundo, com quatro gols, Neymar quebra marcas e atinge patamar de golador aos 22 anos que nem mesmo Pelé alcançou em seu início na Seleção Brasileira.

Imprescindível ao time de Pelé, o camisa 10 já deixa para trás nomes como Ronaldo e Romário e, hoje, contra o Chile, pelas oitavas de final da Copa, no Mineirão, com transmissão em tempo real pelo LANCE!Net, tenta dar sequência a seus números impressionantes.

1) Com 22 anos, quatro meses e 18 dias, tornou-se o jogador mais jovem a atingir 35 gols em jogos oficiais com a Amarelinha. Pelé havia marcado 31, embora o insuperável Rei já tivesse no currículo duas Copas do Mundo (em 1958 e 1962), antes mesmo de completar os 22.

Se considerar também as partidas não oficiais, Neymar vai superá-lo, caso consiga fazer mais quatro gols até o fim do Mundial.

Ronaldo Fenômeno alcançou os 35 gols pela Seleção com 22 anos, nove meses e 23 dias. Já Romário estava prestes a completar 32.

Há de se considerar que Ronaldo teve problemas com lesões que, acumuladas, o tiraram dos campos por mais de dois anos. Enquanto Romário ficava afastado do tempo em tempos por indisciplina. Desde que foi convocado pela primeira vez, em 2010, com 18 anos, Neymar segue imune a lesões e problemas relacionados à indisciplina.

2) Pode se tornar ainda o mais jovem artilheiro isolado de uma Copa. Desde 1930, quando foi disputada a primeira, no Uruguai, apenas o húngaro Florian Albert, em 1962, empatado com outros seis jogadores, e o alemão Thomas Müller, em 2010, com outros três goladores, ficaram artilheiros do Mundial.

O Brasil teve cinco goladores na história: Leônidas da Silva, em 1938; Ademir de Menezes, em 1950; Vavá e Garrincha, em 1962; e Ronaldo, em 2002. Neymar seria o sexto.

Jogos e gols até os 22 anos dos craques

Pelé

Nasceu em 23/10/1940

1942 Argentina (1) - Amistoso
2x0 Argentina (1) - Amistoso1948 1957
3x1 Paraguai (1) - Amistoso
4x0 Bulgária (2) - Amistoso
5x0 Coreíctans - Amistoso
2x0 URSS - Copa do Mundo
1x0 País de Gales (1) - Copa do Mundo
5x2 França (3) - Copa do Mundo
5x2 Suécia (2) - Copa do Mundo1958 1959
2x2 Peru (1) - Sul-Americano
2x0 Chile (2) - Sul-Americano
4x2 Bolívia (1) - Sul-Americano
3x1 Uruguai - Sul-Americano
4x1 Paraguai (2) - Sul-Americano
1x1 Argentina (1) - Sul-Americano
2x0 Inglaterra - Amistoso
2x0 Chile (1) - Amistoso
1x0 Chile - Amistoso1960
5x0 Egito - Amistoso
3x1 Egito (3) - Amistoso
3x0 Egito - Amistoso
4x1 Marrocos - Amistoso
4x1 Dinamarca - Amistoso
2x0 Internacional (TA) (2) - Amistoso
4x0 Sporting-Porto - Amistoso
0x1 Uruguai - Amistoso
0x1 Argentina (1) - Amistoso1962 1961
Não jogou1962 1961
4x0 Paraguai (1) - Amistoso
4x0 Paraguai (1) - Amistoso
2x1 Portugal - Amistoso
1x0 Portugal (1) - Amistoso
3x1 País de Gales (1) - Amistoso
2x0 México (1) - Copa do Mundo
0x0 Tchecoslováquia - Copa do Mundo1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso1963
2x1 Argentina - Amistoso
5x2 Argentina (3) - Amistoso
0x1 Portugal - Amistoso

39 jogos

40 gols

Positivo

O mais novo na história a alcançar a marca de 35 gols pela seleção. Ganhou Copa das Confederações-2013 e foi eleito o craque

Negativo

Fracassou na Copa América-2011 na Olimpíada de Londres-2012. A Copa do Mundo é a primeira que disputa.

Positivo

Com essa idade já era bicampeão do mundo. Só isso! E alcançou os 40 gols em apenas 39 jogos, média superior a um gol por jogo.

Negativo

Enfrentou adversários mais fracos no início, como alguns clubes. Perdeu o primeiro Sul-Americano que disputou para a Argentina.

52 jogos

Neymar

Nasceu em 05/02/1992

2x0 Estados Unidos (1) - Amistoso
0x1 Argentina - Amistoso2011 2010
2x0 Escócia (2) - Amistoso
0x0 Bolívia - Amistoso
1x0 Romênia - Amistoso
0x0 Venezuela - Copa América
2x2 Paraguai - Copa América
4x2 Equador (2) - Copa América
0x0 Paraguai - Copa América
2x1 Alemanha (1) - Amistoso
1x0 Gana - Amistoso
0x0 Argentina - Amistoso
2x0 Argentina (1) - Amistoso
1x0 Costa Rica (1) - Amistoso
2x1 México - Amistoso2012
2x1 Bósnia - Amistoso
4x1 Estados Unidos (1) - Amistoso
2x2 México - Amistoso
3x1 Argentina - Amistoso
3x0 Suécia - Amistoso
1x0 África do Sul - Amistoso
8x0 China (3) - Amistoso
2x1 Argentina (1) - Amistoso
6x0 Iraque (1) - Amistoso
4x0 Japão (2) - Amistoso
1x1 Colômbia (1) - Amistoso
1x2 Argentina - Amistoso2013
1x2 Inglaterra - Amistoso
2x2 Itália - Amistoso
2x1 Rússia - Amistoso
4x0 Bolívia (2) - Amistoso
2x2 Inglaterra - Amistoso
3x0 França - Amistoso
3x0 Japão (1) - Copa das Confederações
2x0 México (1) - Copa das Confederações
4x2 Itália (1) - Copa das Confederações
2x1 Uruguai - Copa das Confederações
3x0 Espanha (1) - Copa das Confederações
0x1 Suíça - Amistoso
0x0 Austrália (1) - Amistoso
3x1 Portugal (1) - Amistoso
2x0 Coreia do Sul (1) - Amistoso
2x0 Zâmbia - Amistoso
5x0 Honduras - Amistoso
2x1 Chile - Amistoso2014
5x0 África do Sul (3) - Amistoso
4x0 Panamá (1) - Amistoso
1x0 Sérvia - Amistoso
3x1 Croácia (2) - Copa do Mundo
0x0 México - Copa do Mundo
4x1 Comarcas (2) - Copa do Mundo

Super-Artilheiro Neymar pode se tornar o artilheiro brasileiro mais novo em Copas do Mundo. É o primeiro com 22 anos a ser goleador mínimo isolado. É o sexto brasileiro da história

1930: Guillermo Stabile (ARG)
5 gols - 4 jogos - 25 anos
1934: Nestor PÉCULO
5 gols - 4 jogos - 24 anos
1938: Leônidas da Silva (BRA)
7 gols - 4 jogos - 24 anos
1950: Ademir de Menezes (BRA)
5 gols - 6 jogos - 27 anos
1954: Noriichi Imai
11 gols - 5 jogos - 24 anos
1958: Hristo Botev (BUL)
11 gols - 6 jogos - 24 anos1962: Florian Albert (HUN)
4 gols - 3 jogos - 20 anos
Viktor Arlov (URS)
4 gols - 4 jogos - 23 anos
Oleg Yermolov (URS)
4 gols - 6 jogos - 25 anos
Gennadiy Ivanov (URS)
4 gols - 6 jogos - 25 anos
Leonid Serebreni (URS)
4 gols - 6 jogos - 25 anos
Sergei Shalaginov (URS)
4 gols - 6 jogos - 25 anos
Sergei Shalaginov (URS)
4 gols - 6 jogos - 25 anos1966: Eusebio (POR)
9 gols - 6 jogos - 24 anos
1970: Gerd Müller (ALE)
10 gols - 6 jogos - 24 anos
1974: Grzegorz Lato (POL)
7 gols - 7 jogos - 24 anos
1978: Mario Kempes (ITA)
6 gols - 7 jogos - 23 anos
1982: Paolo Rossi (ITA)
6 gols - 7 jogos - 25 anos
1986: Gary Lineker (ING)
6 gols - 5 jogos - 25 anos1990: Schuster (ITA)
6 gols - 7 jogos - 25 anos
1994: Sørensen (DEN)
6 gols - 7 jogos - 26 anos
Stolichny (SUA)
6 gols - 7 jogos - 26 anos
1998: Sylvain (CIV)
6 gols - 7 jogos - 26 anos
2002: Ronaldo (BRA)
8 gols - 7 jogos - 25 anos
2006: Klose (ALE)
8 gols - 7 jogos - 26 anos2010: Thomas Müller (ALE)
5 gols - 4 jogos - 20 anos
David Villa (ESP)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
Sandro (BRA)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
Diego Forlán (URU)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
1996: Satoru (JAP)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
2002: Ronaldo (BRA)
8 gols - 7 jogos - 25 anos2006: Klose (ALE)
5 gols - 7 jogos - 25 anos
2010: Thomas Müller (ALE)
5 gols - 4 jogos - 20 anos
David Villa (ESP)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
Sandro (BRA)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
Diego Forlán (URU)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
1996: Satoru (JAP)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
2002: Ronaldo (BRA)
8 gols - 7 jogos - 25 anos2006: Klose (ALE)
5 gols - 7 jogos - 25 anos
2010: Thomas Müller (ALE)
5 gols - 4 jogos - 20 anos
David Villa (ESP)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
Sandro (BRA)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
Diego Forlán (URU)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
1996: Satoru (JAP)
5 gols - 4 jogos - 26 anos
2002: Ronaldo (BRA)
8 gols - 7 jogos - 25 anos

7.5. Brasil x Colômbia

O episódio do choro de alguns atletas repercutiu e a capa do dia da partida contra Colômbia, pelas quartas-de-final, requisitava alegria dos jogadores com a manchete “Arte e alegria! ‘Cidade-sede da alegria’, Fortaleza recebe Brasil x Colômbia para pôr fim ao chororô do time de Felipão. É dia de sorrir”. Continuando, o jornal disse ainda que “emotivos zagueiros têm feito os atacantes rivais chorarem”, ilustrando as 25 partidas invictas da dupla titular da seleção.

Mais à frente, uma reportagem apresentava o personagem Raimundo Ramos de Farias, “um dos milhões de brasileiros que têm motivos para chorar e rier da vida”. Segundo o entrevistado, morador de Fortaleza, os jogadores “têm tudo na vida”, então, por que chorar? A foto da matéria trazia Raimundo com um largo sorriso banguela, com a bandeira nacional ao fundo.

Na busca por pautas, o veículo mais uma vez apostava nas estatísticas e numa abordagem mais contextual. Uma matéria mostrava que a fase quartas-de-final foi o momento em que mais vezes a seleção fora eliminada em Copas do Mundo. Além desta, o duelo entre Luiz Felipe Scolari e o treinador da Colômbia, José Pekerman, era informado como o jogo envolvendo os técnicos mais velhos da competição. Outra reportagem falava sobre o local da primeira partida de futebol disputada no Ceará, em 1904 e que encontrava-se em estado de abandono. O título era “Berço sem memória”.

Após a partida, o bom-humor do jornal ficou um pouco de lado. Uma arrebatadora fotografia de Neymar, aos prantos, sendo carregado numa maca sobreposta pela manchete: “Joguem por ele”, na qual pela primeira vez o jornal falava diretamente aos jogadores da seleção, e pelas chamadas “Neymar fratura vértebra em vitória brasileira sobre a Colômbia e está fora da Copa”, “O hexa fica mais difícil sim, mas os outros 22 jogadores vão se desdobrar pelo 10” e “Entre na campanha e mande sua mensagem de apoio para o craque #Joguemporele”. O lateral-direito colombiano Camilo Zuñiga, que atingiu Neymar, foi classificado como “vilão” pelo Lance!.

O diretor Walter de Mattos reforçou a impressão de Scolari, segundo a qual Neymar era caçado em campo.

Caçado! Não ajuda que Neymar caia de forma espalhafatosa muitas vezes, tentando se defender das botinas dos adversários para influenciar os juízes a aplicar sanções. Isto lhe causa críticas desde o início da carreira no Brasil e agora na Espanha. Mas Felipão tem toda razão em reclamar da forma branda, irresponsável, que os juízes têm tratado os agressores do nosso craque moleque desde o início do Mundial. Na entrevista coletiva de ontem, nosso treinador reclamou disto com justiça, e da falta de um cartão amarelo, mas aliviou o lateral Zuñiga, dizendo que não viu a jogada como intencional. A joelhada nas costas de Neymar não foi inocente. Ele já vinha sendo caçado por Yepes e já tinha escapado de duas entradas muito duras minutos antes. Tivesse o leniente juiz espanhol aplicado cartões ainda no primeiro tempo, para o Brasil também, quem sabe não estaríamos lamentado a anunciada saída do camisa 10 brasileiro da Copa. Vendo a imagem pela TV, Felipão deve subir o tom das críticas. Terá razão. (LANCE! – 05/07/2014, 19)

O cronista só esquecera de relatar que a seleção fez muito mais faltas. Ao todo, foram 31 infrações dos brasileiros contra 23 dos colombianos. Os jogadores mais atingidos foram dois da equipe *cafetera*: James Rodríguez e Juan Cuadrado, avançados do time colombiano.

7.6. Brasil x Alemanha

“Hoje somos todos Neymar!”, dizia o jornal antes da fatídica partida contra a Alemanha, no dia 8 de julho de 2014. A capa interativa continha uma máscara que poderia ser recortada e usada pelos leitores-torcedores do jornal.

Os redatores acreditavam que David Luiz, o “capitão do carisma” e “gigante da seleção”, assumiria a liderança da equipe – Thiago Silva, o capitão, estava suspenso. A Alemanha era considerada favorita para alguns, enquanto outros pregavam a igualdade. Nada disso.

No dia seguinte, fugindo totalmente aos padrões, o jornal noticiou uma derrota totalmente fora dos padrões: apenas o texto “Indignação, revolta, dor, frustração, irritação, vergonha, pena, desilusão... Diga o que está sentindo e faça você mesmo esta capa do Lance!” sob um fundo branco. Na primeira matéria, na segunda página, o título “Humilhação” diz tudo. A fotografia escolhida trazia justamente uma torcedora desolada com a máscara de Neymar criada pelo jornal nas mãos. Ao invés de cores vibrantes, um azul-petróleo corria a página. Com boxes em formas de sinal de *unlike* – ícone de desaprovação nas redes sociais, que simula um sinal de reprovação, com o polegar virado para baixo -, o diário apresentava todas as estatísticas negativas decorrentes do resultado.

O centroavante Miroslav Klose tornou-se o maior artilheiro da história das Copas, ganhando o título de “Fenômeno” do Lance!, em alusão ao ex-dono da marca, e do apelido, o atacante Ronaldo. Autor da coluna “Visão histórica”, o jornalista Roberto Assaf criticou a postura ufanista da imprensa e dos torcedores em relação ao treinador da seleção.

Num desastre desses, todos são culpados, incluindo jornalistas e torcedores que passaram longo tempo endeusando Luiz Felipe Scolari e, pior, bajulando o treinador, como se este fosse infalível, quando na realidade representava uma regressão aos anos 1940 2 1950, época em que o técnico era o todo-poderoso, absoluto, intocável. (LANCE! – 09/07/2014, 11)

Uma matéria zombava do fato do treinador da seleção não ter treinado a seleção que entraria em campo contra a Alemanha, segundo Scolari, “para confundir” os adversários. No pré-título, o jornal escreveu “Estratégia???” em clara analogia ao plano do técnico. A presidenta Dilma Rousseff, que na edição de véspera teve declarações sobre a eventual realização de mais uma Copa do Mundo, no Brasil, na próxima década, teve suas postagens na rede social Twitter transformadas em matéria após a eliminação, com o seguinte título: “Dilma lamenta e apoia. Presidente usa o Twitter para prestar solidariedade à Seleção e pede que o povo brasileiro continue a dar show na Copa do Mundo fora dos gramados”. Tal uso de publicações como fonte direta ressalta como as relações com a internet transformou a cobertura do diário.

O colunista Flávio Garcia desejou um “Descanse em paz, Barbosa!”, em sua crônica, e temia que os jogadores Neymar e David Luiz – que teve péssima atuação na partida – ficassem marcados, assim como falecido goleiro da seleção.

8. A análise comparativa das coberturas

Separamos a análise da cobertura da Copa do Mundo de 1950, pelo Jornal dos Sports, em três tópicos: começamos pela análise dos textos quanto aos critérios de linguagem jornalística mostrados em capítulos anteriores. Posteriormente, esquadriharemos rapidamente o plano gráfico do jornal, visto que as mudanças em relação ao segundo objeto da pesquisa, o diário Lance!, são consideráveis e pertinentes, influenciando inclusive no conteúdo. Por último, reforçaremos a existência ou não do discurso patriótico nos trechos coletados. Enfim, serão abordados aspectos tanto do plano gráfico quanto do plano conteudístico. Após esta passagem, faremos uma breve análise sobre a existência de discursos nacionalistas promovidos pelos jornais durante as coberturas dos torneios.

8.1. A linguagem jornalística na cobertura

O primeiro fator que nos chama a atenção encontra-se na grande maioria dos títulos publicados pelo Jornal dos Sports no intervalo de seleção pré-determinado para a coleta dos dados. Não se usa a forma atualmente convencional de formação da manchete, na respectiva ordem: sujeito seguido de verbo seguido de complemento. Por exemplo, na matéria publicada no dia da estreia, 24 de junho de 1950, temos o seguinte: “Prometem os mexicanos honrar a grande festa”. Aplicando a forma convencional, sem o uso de artigos, teríamos algo como: Mexicanos prometem honrar grande festa.

O jornalismo prioriza a ordem direta na linguagem escrita. Muitas vezes as inversões, comuns no gênero literário, dificultam o entendimento do enunciado. Claro que podem ser usadas algumas vezes, mas deve-se evitar o excesso que era cometido pelo Jornal dos Sports, no caso. Poucas vezes a sequência sintática tradicional era seguida pelos redatores do jornal em questão. O Lance!, por outro lado, já segue tais normas, conferindo ainda mais liberdade, como vimos, de usar expressões coloquiais e gírias em títulos e chamadas para as reportagens.

O segundo aspecto consiste na utilização da primeira pessoa na redação das crônicas e de alguns títulos. Ainda sobre a edição que cobria a véspera da abertura do torneio, dois subtítulos recorrem à conjugação. “Ambiente magnífico entre os nossos para a batalha de hoje – Desfilam rápidas impressões os scratchmen” e “Confronto entre nossa

escola e o espírito de luta dos ‘Aztecas’” representam esses casos. No duelo ante a Iugoslávia, o título era “À vitória com o scratch – Batalha decisiva para nossas aspirações na ‘Copa do Mundo’, a luta brasileiros x iugoslavos”. Ou seja, englobava-se numa só manchete os jogadores da seleção, o Jornal dos Sports e os leitores.

O Lance!, como mostramos, também fez uso dessa estratégia ao menos uma vez, logo no primeiro momento da Copa, após a abertura, publicando a manchete “É tudo nosso!”, em referência a uma expressão popular muito utilizada pelo público-alvo majoritário do jornal, os mais jovens. No entanto, esta não seria uma tônica da cobertura do diário.

Evitar o uso da primeira pessoa, como dissemos em capítulos anteriores, é um mecanismo técnico que auxilia os jornalistas a redigir matérias da forma mais objetiva possível, sempre referindo-se ao objeto de que se está falando. Trata-se da função referencial na comunicação, como explicou Roman Jakobson (2007).

Em contraposição à função referencial, está a função conativa. Esta teoria pressupõe que o enunciador, no caso os jornais, conversem diretamente com o leitor ou com outro enunciatário em tom imperativo.

A orientação para o DESTINATÁRIO, a função CONATIVA, encontra sua expressão gramatical mais pura no vocativo e no imperativo, que sintática, morfológica e amiúde até fonologicamente, se afastam das outras categorias nominais e verbais. As sentenças imperativas diferem fundamentalmente das sentenças declarativas: estas podem e aquelas não podem ser submetidas à prova de verdade. (JAKOBSON, Roman. 2007, p.83-84)

Embora tenhamos visto tal característica sobretudo no Jornal dos Sport, o Lance! também lançou mão deste recurso em algumas oportunidades, sendo o caso após a lesão de Neymar o mais claro. O diário de Walter de Mattos publicou a seguinte manchete: “Joguem por ele”. “Ele”, nesta situação, tratava-se do jogador Neymar, que sofreu uma lesão e não disputaria mais nenhuma partida do torneio.

Os textos amostrados do Jornal dos Sports também vinham muito mais carregados de adjetivos, muito menos encontrados no Lance!. Isso deve-se a uma mudança estrutural na prática jornalista, ainda em transição durante a primeira Copa do Mundo, e já concretizada em 2014. A transição enfrentada pelo Lance! era outra. E continua sendo. Podemos ver que o último sequer trazia, em suas edições publicadas após os jogos da

seleção, crônicas dos lances da partida contadas de forma detalhada. Os comentários sobre os jogos eram feitos pela grande equipe de colunistas do periódico, que abordavam aspectos subjetivos das pelepas, sempre tentando diferenciar o conteúdo ao máximo possível. Ora, na época do *Jornal dos Sports* os detalhes do jogo eram muito importantes e só poderiam ser acompanhados por parte do público por meio do jornal. Os leitores que não tinham acesso ao rádio, e não eram tão poucos, precisavam esperar até o dia seguinte para conseguir imaginar, com maiores minúcias, como deram-se os lances capitais da partida. Até por isso Mário Filho conferia especial importância às fotografias – com outras funções no *Lance!*, como a captação de emoções da torcida e dos atletas – de momentos especiais da partida, como a bola cruzando a linha, o chute do artilheiro e quaisquer outras situações especiais.

Outro aspecto importante de diferenciação consiste na utilização de palavras relacionadas ao léxico militar pelo *Jornal dos Sports* e que não se encontra no *Lance!*. Como mostramos na descrição da cobertura da Copa de 1950, a grande maioria das crônicas e manchetes traziam os vocábulos “luta”, “batalha”, “confronto”, “bem armada”, entre outros. O fato deve ser investigado mais a fundo em outros trabalhos, mas uma hipótese a ser levada em conta é a circunstância em que o Estado e a política brasileira estiveram, historicamente, dirigida ou ocupada por personagens de histórico ou cargos militares. Inclusive, o prefeito do Rio de Janeiro, então Capital Federal, durante a realização da Copa do Mundo era o general Ângelo Mendes de Moraes.

Uma mudança drástica notada também responde pelo tratamento dispensado aos adversários. Ambos apresentavam um vasto material noticioso sobre as equipes participantes do torneio. Normalmente, uma página do *Jornal dos Sports* durante a Copa do Mundo era dedicada às seleções estrangeiras. No *Lance!* não era diferente. Muito material sobre os disputantes. O que mudou bastante foi o tratamento. O tom do *Jornal dos Sports* era excessivamente cordial, elogiando os adversários mesmo quando estes faziam péssimas partidas. O *Lance!* não chegava a ser agressivo. Contudo, a abordagem era mais livre e tangia mais para o lado humorístico, com o uso de ironias e provocações. Por vezes, o jornal usava as ironias, principalmente após o 7 a 1, nos textos sobre a seleção brasileira.

O uso de estatísticas para se produzir as reportagens aparece apenas no *Lance!*. Situação que se explica pela valorização dos arquivos nos meios de comunicação nos

últimos 60 anos e pela facilidade de acesso propiciada pela informática. Algumas redações chegam a contar com profissionais apenas para captar os números da partida, como quantidade de passes, remates a gol e roubos de bola. No entanto, captamos que essa tendência já existia. O repórter Geraldo Romualdo trazia análises táticas dos adversários do Brasil em seus textos e apresentava dados históricos em formas de texto corrido. Aliás, havia poucos recursos técnicos para formatação de infográficos também, que seriam trazidos ao jornalismo brasileiro por meio do Jornal Folha de São Paulo, nos anos 1980. A quantificação (HELAL, 1990, p.46) “é uma das características marcantes do esporte moderno”.

(...) é a sua tendência a transformar qualquer atividade atlética em algo que possa ser medido e quantificado. Esportes como beisebol, futebol americano, basquetebol, hóquei, tênis, futebol, natação, corridas, etc. parecem não sobreviver mais sem a ideia da quantificação. Soma-se, mede-se e se quantifica tudo que esteja ao alcance, sejam passes, defesas, chutes, saltos arremessos, braçadas, cestas, gols, velocidade do atleta, velocidade da bola, etc. Atualmente, o registro estatístico dos eventos passou a fazer parte da maioria dos espetáculos esportivos. (HELAL, Ronaldo. 1990, p.46)

Um ponto de semelhança comprovado refere-se ao fato de, em algumas situações, ambos os jornais “conversarem” com os torcedores, pedindo o apoio e incentivo aos jogadores. Tais evidências encontram nos textos apresentados anteriormente, neste trabalho, por cronistas ou por repórteres dos periódicos, tanto nas capas quanto em textos nas páginas internas.

8.2. Troca de passes com o *Jornal dos Sports*

Começaremos nos debruçando sobre os efeitos de sentido provocados pelos textos do *Jornal dos Sports* durante a cobertura da Copa do Mundo de 1950. Afim de inteirarmo-nos sobre a formação social, ideológica e discursiva do sujeito autor, no caso o *Jornal dos Sports*, recorreremos ao capítulo desta monografia no qual detalhamos o processo de criação e desenvolvimento do objeto da análise.

Desde o princípio, o *JS* adentra à disputa dos meios de comunicação como um novo espaço de promoção das práticas esportivas, entendendo que a divulgação das atividades era um mercado em crescimento. Além disso, no aspecto sócio-político, o primeiro gestor do periódico, Argemiro Bulcão, acreditava no esporte como um agente modernizador da sociedade brasileira. Por isso, Bulcão escrevia textos a favor do profissionalismo e dos investimentos em esporte pelo governo federal.

Com Mário Filho, tal postura mantém-se intacta, sendo inclusive reforçada pelas convicções do novo diretor do jornal, que via no esporte, em especial o futebol, uma chance de afirmação da identidade do miscigenado povo brasileiro. Além disso, o jornalista que dá nome ao Estádio Maracanã também possuía um bom relacionamento com dirigentes esportivos e políticos importantes, devido ao seu alinhamento ideológico com os que apoiavam o esporte.

As condições de produção do conteúdo em questão dão-se em micro e macro. Em micro, temos uma grande competição esportiva sendo realizada, com menor destaque apenas do que as Olimpíadas, no país que identifica-se como um potencial vencedor. Um jornal situado no Rio de Janeiro, capital da República, líder no setor de mercado ocupado e com uma grande equipe para os padrões da época, com a necessidade de vender exemplares. O futebol encontrava-se já como o esporte mais popular do país e com tendências de crescimento.

No aspecto macro, temos um país em crescimento e em processo de urbanização. Vindo de 15 anos com Getúlio Vargas como presidente, em período que ficou conhecido historicamente como Estado Novo. Em 1950, o presidente era Eurico Gaspar Dutra, de currículo militar. Os meios de comunicação com ritmo de desenvolvimento nunca antes visto, especialmente o rádio.

O público-alvo do *Jornal dos Sports*, que constituía um imaginário interlocutor para os redatores do veículo, era bastante amplo. O JS fora pioneiro em simplificar, para os padrões da época, a linguagem dos textos jornalístico-esportivos, conforme mostramos anteriormente. O periódico planejava atender aos praticantes e não-praticantes de esporte, aos mais abastados e aos mais humildes.

Com os critérios de formação ideológica, social e discursiva apresentados, assim como as condições de produção e a definição dos sujeitos-autor e interlocutor, vamos prosseguir com a análise.

O material coletado do *Jornal dos Sports* durante a cobertura não apresenta editoriais do veículo. Tomamos a liberdade de classificar as crônicas e artigos de Mário Filho como uma espécie de editorial, uma vez que era o grande mentor jornalístico do

periódico e que havia um claro alinhamento entre as opiniões dos outros colunistas e repórteres do JS.

Levando isso e os fragmentes investigados durante esse trabalho, a primeira conclusão que chegamos é que há um claro discurso do jornal de conectar os esportes, nesse caso representado pelo futebol, com uma identidade nacional positiva dos brasileiros. Os títulos e manchetes com palavras de repertório militar – que simbolizam, teoricamente, a defesa do território nacional – fortalecem esse efeito de sentido. Os jogadores, segundo o veículo, não defendiam apenas um time de futebol ou uma confederação, mas uma nação inteira. Nesse pacote entram os chamados por “luta” e “bravura”.

Outros elementos que deixam claro esse objetivo são os diversos elogios à organização do torneio, notadamente os publicados na edição que circulou após o jogo contra os uruguaiois. Os textos diziam repetidamente que era a melhor Copa de todos os tempos – fato que se repetiria em 2014 -, a mais bem organizada. A publicação de comentários estrangeiros sobre a seleção e sobre a torcida brasileira – em sua maioria, elogiosos, como a crônica de Willy Meisl ao fim da competição -, reforça a busca pela valorização dos brasileiros. Inclusive, citamos trechos em que, criticados torcida, time ou organização pela imprensa estrangeira, os repórteres defendem os nacionais. Podemos incluir também, como adicional a esse efeito de sentido, as citações feitas ao Maracanã, então Estádio Municipal, como “o maior do mundo” sempre que possível.

A segunda relação de sentidos identificada após a análise de fragmentos consta na relação entre esporte e a modernização da sociedade. Os diversos elogios à torcida brasileira e a excessiva cordialidade com os adversários, sempre elogiados pela boa postura em campo, conectavam diretamente o esporte com os bons modos, o bom comportamento exigido das sociedades modernas e urbanas.

Por último, percebemos a tentativa do jornal de provar que o futebol era um esporte muito importante, inclusive em termos políticos. Reforçamos essa impressão ao contemplar o destaque dado pelo jornal às palavras de dirigentes da CBD, entidade que comandava o esporte brasileiro à época, e políticos, como o prefeito Mendes de Moraes, elogiadíssimo devido aos esforços na construção do que seria o Maracanã. Ou seja, num mesmo universo de significação discursiva constavam política e futebol.

Enfim, nos atemos a essas questões na análise discursiva do Jornal dos Sports durante a cobertura da Copa de 1950, mas esse artigo não tem a ousadia de encerrar as discussões. O objetivo era apresentar e identificar as tendências discursivas notadas após as leituras do vasto material coletado.

8.2.1. Troca de passes com o *Lance!*

O diário *Lance!* afirma que sua missão é “ser a referência em conteúdo esportivo no país oferecendo um jornalismo de qualidade e independente, em defesa dos interesses do torcedor e do desenvolvimento do esporte nacional”. Conforme contamos no capítulo de apresentação da história deste veículo, é um jornal que surge em meio a transformações do futebol e do esporte como um todo em espetáculos, movimentando grande quantidade de dinheiro. Direitos de transmissão, contratos de patrocínio, marketing de produtos esportivos tomaram uma proporção inimaginável na época de ouro do Jornal dos Sports.

Nesse cenário, o *Lance!* surge não só como um informativo de notícias esportivas, mas como um alimentador do interesse do público por esportes. Não vende-se apenas notícias, mas produtos. Produtos que vão desde competições esportivas até equipamentos voltados aos leitores, também identificados como torcedores. Assim como o JS, o *Lance!* não publica editoriais. Entretanto, diferentemente do Jornal dos Sports, o diário apresenta uma variedade maior de pontos de vista em sua equipe de colunistas. Portanto, é mais difícil traçar uma única perspectiva sobre o discurso produzido pelo veículo.

Se há um discurso do *Lance!* que conseguimos identificar com base nas amostras, é o de promover a separação entre a competição esportiva e os acontecimentos políticos ocorridos no país. Fato que comprova as relações entre os efeitos de sentido e as condições de produção.

Durante a preparação para a Copa do Mundo de 2014, diversas manifestações populares de desagravo às gestões públicas foram promovidas por parcelas consideráveis do povo. Tais mobilizações permaneceram frequentes, embora com menos força e menor número de pessoas, no período em que o torneio foi realizado.

Coletamos alguns trechos em que a equipe de redatores e convidados do *Lance!*, como o sociólogo Mauricio Murad, buscaram separar uma coisa da outra. O trecho de um texto de Mauro Beting, colunista fixo do jornal, dizia que o que estava em jogo era a

seleção, e não uma nação. Murad afirmava que era preciso extinguir a separação entre “alienados” e “conscientes”. Deste modo, cria-se um efeito de sentido de distinção entre a alegria e o interesse pela competição com as críticas, merecidas ou não, ao governo. Ainda assim, encontramos diversas reportagens em que a organização para o torneio era ressaltada.

Outra característica notada com a edição das matérias, foi a tentativa de tornar o jogador Neymar, tido como craque da seleção, o herói do torneio. A quantidade de reportagens exaltando os números do jovem atleta, a repetida presença na capa do jornal só foram seguidas de perto por outro jogador, o zagueiro David Luiz. Mas não iremos explorar esse lado, uma vez que fugiríamos da proposta inicial e precisaríamos especificar temas não abordados por esta pesquisa.

Portanto, a amostragem foi insuficiente, ou ampla demais, para detectar se houve ou não um discurso nacionalista editorial do *Lance!*, embora tenha-se percebido fragmentos e trechos que clamavam aos torcedores para que cantassem o hino antes dos jogos ou que visualizavam uma conspiração pela eliminação brasileira, reverberado por outro colunista do jornal, o ex-árbitro José Roberto Wright.

9. Apito final

Depois de apresentar os objetos da pesquisa, os contextos envolvendo a produção dos materiais coletados e realizar a análise das amostras, chegamos à conclusão de que houve diversas mudanças marcantes na cobertura jornalística. Primeiramente, quanto ao campo técnico, alterou-se substancialmente a forma de escrita regular dos redatores. Textos longos e adjetivados deram espaço a parágrafos mais curtos e em terceira pessoa, garantindo uma leitura mais fluida ao leitor e uma redação menos subjetiva dos jornalistas. O relato meramente cronológico e excessivamente descritivo (TRAQUINA, 2005, p.60) deu lugar à utilização da técnica da pirâmide invertida, colocando a informação mais importante em destaque.

No campo gráfico, a evolução dos equipamentos técnicos de impressão e editoração dos jornais criou uma revolução na apresentação. Espaços em claro, fim do excesso de fios para separar os textos, transição linear entre as manchetes e fotografias mais elaboradas permitiram uma representação melhor das situações abordadas nas matérias. Nesse caso especificamente, provamos que as condições de produção competentes à cada intervalo temporal – 1950 e 2014 – influía diretamente no conteúdo final dos jornais, tanto no aspecto textual, quanto gráfico. Embora tenhamos concluído que o rádio não afetou decisivamente a cobertura do *Jornal dos Sports*, há diversas alusões, especialmente nos anúncios publicados no jornal, que comprovam como esta mídia era vista como uma ferramenta auxiliar a difusão dos “feitos” do esporte nacional – dedução feita a partir das chamadas que o JS promovia, convidando o público a se reunir nas transmissões de rádio.

No *Lance!*, o impacto causado pelas outras mídias, com destaque para a internet e a televisão, influenciou diretamente a cobertura e a abordagem das partidas. O periódico de Walter de Mattos simplesmente não publicava crônicas contendo os episódios da partida e sequer mostrava fotos dos gols ou de lances da peleja. O diário buscava trazer novos olhares, talvez não registrados pela televisão ou publicados na rede mundial de computadores. Imagens de torcedores, fotografias com gestos dos atletas e uma produção notável de infográficos, levantando dados da competição e informações históricas. Além disso, a influências das outras mídias foi perceptível também na redação jornalística, com a utilização de caracteres comumente utilizados nas redes sociais, como a *hashtag* - “#”.

No campo discursivo, o sentido nacionalista era muito mais perceptível em 1950, na cobertura do *Jornal dos Sports*, do que no *Lance!* de 2014. No entanto, a há que se registrar a eventualidade da existência de outros discursos tanto no primeiro, quanto no segundo objeto da nossa pesquisa. Baseado nos princípios de formação social e ideológica diagnosticadas na figura de Mário Filho – um incentivador do esporte como prova das potências do povo brasileiro – e nas condições de produção, entendidas como o momento histórico do país, a linguagem e as palavras usadas pelo *Jornal dos Sports* durante a cobertura reforçavam um efeito de sentido nacionalista, tendo o esporte como pano de fundo.

No *Lance!*, partindo da mesma ferramenta de investigação, a A.D, não foi possível chegar a uma conclusão. A multiplicidade de autores, no caso os cronistas do jornal, gerava uma multiplicidade de pontos de vista. Além disso, a redação dos textos jornalísticos apontava, sobretudo, uma postura mais distanciada da seleção brasileira. As matérias com poucos adjetivos seguiam uma tendência mais objetiva em relação à seleção brasileira e à torcida. Mas, ainda assim, alguns fragmentos de discurso patriótico foram identificados.

O jornalismo esportivo, com base nas amostras coletadas, adota uma postura mais livre no aspecto da imparcialidade se cotejado com outras editorias jornalísticas. Os periódicos observados durante a pesquisa tomavam a liberdade de assumir um lado dentro do noticiário, no caso, da seleção brasileira. Tal comportamento foi mais escancarado no *Jornal dos Sports*, embora sejam encontrados fragmentos dessa postura no jornal *Lance!*, como nos casos em que lança mão da primeira pessoa em seus textos ou em que se comunica diretamente com os jogadores e com a torcida. Este comportamento, como dissemos, não costuma ser observado nas demais editorias cotidianas do noticiário, como a política, por exemplo.

Outro fator que destacamos, principalmente por meio da Análise do Discurso, refere-se a forma como os jornais pesquisados abordavam o esporte sob um viés nacionalista, sobretudo em relação ao *Jornal dos Sports*. A correlação estabelecida entre pátria e esporte favorecia as linhas editoriais dos veículos. No JS, tal posicionamento ia ao encontro dos objetivos de Mário Filho de valorizar a identidade dos brasileiros. No *Lance!*, servia como forma conferir sempre pautas com viés positivo, exaltando o time dos torcedores-leitores, no caso, convenientemente, a seleção brasileira.

A “imprensa de chuteiras” – expressão inspirada no famoso conceito de Nelson Rodrigues “a pátria de chuteiras” – dá nome a esta monografia porque evidencia uma postura parcial das editoriais de esportes que, durante muitos anos, representaram a marca do jornalismo esportivo brasileiro. No entanto, notamos a eventualidade da existência de outros discursos tanto no primeiro, quanto no segundo objeto da nossa pesquisa.

Este trabalho não tem a pretensão de encerrar as discussões sobre o tema aqui abordado, mas esperamos que tenha ajudado a enriquecer o debate acerca do tema e as transformações editoriais e visuais que marcaram o jornalismo esportivo ao longo destes 65 anos. Nossa intenção é que suscite novas pesquisas entre os estudantes de Comunicação Social.

10. Bibliografia e Anexos

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Lisboa: Presença, 1970.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1981.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. MELO, Victor de Andrade. O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

COELHO, Paulo Vinicius. Jornalismo Esportivo. 3ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1930-1931. Várias edições.

COUTO, André Alexandre Guimarães. A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2011.

HEIZER, Teixeira. Maracanazo: tragédias e epopeias de um estádio com alma. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

HELAL, Ronaldo. O que é sociologia do esporte. São Paulo: Brasiliense S/A, 1990.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. 1ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 1950. Várias edições.

LAGOA, Cláudia. ROMANCINI, Richard. História do Jornalismo no Brasil. Florianópolis: Insular, 2007.

LANCE!. Rio de Janeiro, 2014. Várias edições.

ORLANDI, Eni P. Introdução às ciências da linguagem. Campinas: Pontes Editores, 2006.

RIBEIRO, André. Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. 4.ed. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2003.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: Volume I, Porque as notícias são como são. 2ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. Teorias do jornalismo: Volume II, A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2004-2005.

Anexo E: Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, nº 6411, 18/07/1950. p. 1.

Edição De Hoje
10 Páginas

EM DOIS AVIÕES ESPECIAIS REGRESSARÃO HOJE OS URUGUAIOS
Antecipada A Viagem Dos Campeões Do Mundo, Para Que Possam Participar Dos Festejos Da Festa Nacional Do Uruguiai

Os uruguaios, campeões mundiais de futebol, regressarão ao Brasil, amanhã, em dois aviões especiais, a fim de que possam participar dos festejos da Festa Nacional do Uruguiai, que se realizará no Rio de Janeiro, no dia 20 de julho.

"ASSIM É O ESPORTE," DECLARA FLAVIO

NÃO HÁ NENHUMA
DESCULPA A FORMULAR
Os Uruguaio Jogaram
Bem E Mereceram A
— Vitória —

JORNAL
DOS SPORTS
O JORNAL DOS SPORTS publica hoje a edição especial de 10 páginas, com o título "ASSIM É O ESPORTE," declarando Flavio, o campeão mundial de futebol, uruguaio.

Escreve Willy Meisl, Conhecida Autoridade Da Crônica Européia, Especialmente Para Jornal Dos Sports:
URUGUAI, CAMPEÃO MUNDIAL, DE FATO;
MAS O BRASIL, MELHOR TEAM DO MUNDO

Quando a apia final dos dois mundos de futebol, os uruguaio jogaram muito bem, mas não mereceram a vitória. O Brasil, que jogou muito bem, mas não mereceu a vitória. O Brasil, que jogou muito bem, mas não mereceu a vitória.

JÁ DISPENSADOS
OS SCRATCHMEN

Reforçado Hoje
Paulistas E Gaúchos

050
O Almoço De Hoje No
Copacabana Palace

Amor, de brilho, perfume, suavidade, faz
sem color, torna-se cabelo sedoso e juvenil,
balança elegantes e novos sedes
— BRYLCREEM —
O Rizador mais que perfeito

FELICITAÇÕES AO NOSSO PÚBLICO

COMO A IMPRENSA URU-
GUAI RECEBER A CON-
DUTA DE SEUS "CRACKS"

Mr. Reader Não Pode Ficar
Presenciando Apenas A Volta
De Mr. Lufes Para Atuar

COLABO
RACONEST

"A LIBERDADE DA PALAVRA
NÃO AUTORIZA INFAMIAS"
FALA O SR. MARIO POLLO, PRESIDENTE DA C.B.D., RE-
BATENDO ACUSAÇÕES SOBRE A VENDA DE INGRESSOS

ANEXO F: *Lance!*. Rio de Janeiro, nº 6067, 09/07/2014. p. 1.



INDIGNAÇÃO, REVOLTA, DOR, FRUSTRAÇÃO, IRRITAÇÃO,
VERGONHA, PENA, DESILUSÃO...

DIGA O QUE ESTÁ SENTINDO E FAÇA VOCÊ MESMO
ESTA CAPA DO LANCE!

BRASIL X CHILE

LANCE! SÁBADO, 28 DE JUNHO DE 2014

● **PELÉ PRECISOU DE 34 JOGOS OFICIAIS PELA SELEÇÃO PRA FAZER 35 GOLS. NEYMAR PRECISOU DE 52!**

Mais que um Pelé

●●● Neymar não tem as duas Copas que Pelé ostentava com 22 anos, mas já o superou em número de gols com essa idade. Ser artilheiro isolado mais precoce das Copas é próxima meta

EM BELO HORIZONTE

ARI FERREIRA

ariferreira@lance.net.com.br

EDUARDO MENDES

eduardom@lance.net.com.br

MAURÍCIO OLIVEIRA

mauricio@lance.net.com.br

THIAGO SALATA

thiagosalata@lance.net.com.br

DOS ENVIADOS ESPECIAIS

nopa-2014@lance.net.com.br

Um dos artilheiros da Copa do Mundo, com quatro gols, Neymar quebra marcas e atinge patamar de goleador aos 22 anos que nem mesmo Pelé alcançou em seu início na Seleção Brasileira. Imprescindível ao time de Felipe, o camisa 10 já deixa para trás nomes como Romário e Romário e, hoje, conta o Chile, pelas vitórias de final da Copa, no Mineirão, (com transmissão em tempo real pelo LANCE!Net), conta da sequência seus números impressionantes.

1) Com 22 anos, quatro meses e 18 dias, tornou-se o jogador mais jovem a atingir 35 gols em jogos oficiais com a Amarelinha. Pelé havia marcado 31, embora o insuperável Rei já tivesse no currículo duas Copas do Mundo (em 1958 e 1962), antes mesmo de completar 22.

Se considerarmos também as partidas não-oficiais, Neymar vai superá-lo, caso consiga fazer mais quatro gols até o fim do Mundial.

Romário Fenômeno alcançou os 35 gols pela Seleção com 22 anos, nove meses e 23 dias. Já Romário estava prestes a completar 32.

Há de se considerar que Romário teve problemas com lesões que, acumuladas, o tiraram dos campos por mais de dois anos. Enquanto Romário ficava afastado do tempo em tempos por indisciplina. Desde que foi convocado pela primeira vez, em 2010, com 18 anos, Neymar segue imune a lesões e problemas relacionados à indisciplina.

2) Poder-se tornar ainda o mais jovem artilheiro isolado de uma Copa. Desde 1930, quando foi disputada a primeira, no Uruguai, apenas o húngaro Florian Albert, em 1962, empatado com outros sete jogadores, e o alemão Thomas Müller, em 2010, com outros três goleadores, viraram artilheiros do Mundial.

O Brasil teve cinco goleadores na história: Leônidas da Silva, em 1938; Ademir de Menezes, em 1950; Vavá e Garrincha, em 1962; e Ronaldo em 2002. Neymar seria o sexto.

Jogos e gols até os 22 anos dos craques

Pelé

Nasceu em 23/10/1940

142 Argentina (1) - Amistoso

200 Argentina (0) - Amistoso

301 Paraguai (0) - Amistoso

400 Bulgária - Amistoso

500 Colômbia (0) - Amistoso

600 Coreia do Sul - Amistoso

700 URSS - Copa do Mundo

800 País de Gales (1) - Copa do Mundo

900 França (0) - Copa do Mundo

1000 Suécia (0) - Copa do Mundo

1100 Peru (0) - Sul-Americano

1200 Chile (0) - Sul-Americano

1300 Colômbia (0) - Sul-Americano

1400 Uruguai - Sul-Americano

1500 Paraguai (0) - Sul-Americano

1600 Argentina (1) - Sul-Americano

1700 Inglaterra - Amistoso

1800 Chile (1) - Amistoso

1900 Chile - Amistoso

2000 Egito - Amistoso

2100 Egito (0) - Amistoso

2200 Egito - Amistoso

2300 Malásia-SIE (0) - Amistoso

2400 Colômbia - Amistoso

2500 Intercontinental (0) - Amistoso

2600 Espanha-RDP - Amistoso

2700 Espanha - Amistoso

2800 Argentina (1) - Amistoso

2900 Chile - Amistoso

3000 Chile - Amistoso

3100 Chile - Amistoso

3200 Chile - Amistoso

3300 Chile - Amistoso

3400 Chile - Amistoso

3500 Chile - Amistoso

3600 Chile - Amistoso

3700 Chile - Amistoso

3800 Chile - Amistoso

3900 Chile - Amistoso

4000 Chile - Amistoso

4100 Chile - Amistoso

4200 Chile - Amistoso

4300 Chile - Amistoso

4400 Chile - Amistoso

4500 Chile - Amistoso

4600 Chile - Amistoso

4700 Chile - Amistoso

4800 Chile - Amistoso

4900 Chile - Amistoso

5000 Chile - Amistoso

5100 Chile - Amistoso

5200 Chile - Amistoso

5300 Chile - Amistoso

5400 Chile - Amistoso

5500 Chile - Amistoso

5600 Chile - Amistoso

5700 Chile - Amistoso

5800 Chile - Amistoso

5900 Chile - Amistoso

6000 Chile - Amistoso

6100 Chile - Amistoso

6200 Chile - Amistoso

6300 Chile - Amistoso

6400 Chile - Amistoso

6500 Chile - Amistoso

6600 Chile - Amistoso

6700 Chile - Amistoso

6800 Chile - Amistoso

6900 Chile - Amistoso

7000 Chile - Amistoso

7100 Chile - Amistoso

7200 Chile - Amistoso

7300 Chile - Amistoso

7400 Chile - Amistoso

7500 Chile - Amistoso

7600 Chile - Amistoso

7700 Chile - Amistoso

7800 Chile - Amistoso

7900 Chile - Amistoso

8000 Chile - Amistoso

8100 Chile - Amistoso

8200 Chile - Amistoso

8300 Chile - Amistoso

8400 Chile - Amistoso

8500 Chile - Amistoso

8600 Chile - Amistoso

8700 Chile - Amistoso

8800 Chile - Amistoso

8900 Chile - Amistoso

9000 Chile - Amistoso

9100 Chile - Amistoso

9200 Chile - Amistoso

9300 Chile - Amistoso

9400 Chile - Amistoso

9500 Chile - Amistoso

9600 Chile - Amistoso

9700 Chile - Amistoso

9800 Chile - Amistoso

9900 Chile - Amistoso

10000 Chile - Amistoso

10100 Chile - Amistoso

10200 Chile - Amistoso

10300 Chile - Amistoso

10400 Chile - Amistoso

10500 Chile - Amistoso

10600 Chile - Amistoso

10700 Chile - Amistoso

10800 Chile - Amistoso

10900 Chile - Amistoso

11000 Chile - Amistoso

11100 Chile - Amistoso

11200 Chile - Amistoso

11300 Chile - Amistoso

11400 Chile - Amistoso

11500 Chile - Amistoso

11600 Chile - Amistoso

11700 Chile - Amistoso

11800 Chile - Amistoso

11900 Chile - Amistoso

12000 Chile - Amistoso

12100 Chile - Amistoso

12200 Chile - Amistoso

12300 Chile - Amistoso

12400 Chile - Amistoso

12500 Chile - Amistoso

12600 Chile - Amistoso

12700 Chile - Amistoso

12800 Chile - Amistoso

12900 Chile - Amistoso

13000 Chile - Amistoso

13100 Chile - Amistoso

13200 Chile - Amistoso

13300 Chile - Amistoso

13400 Chile - Amistoso

13500 Chile - Amistoso

13600 Chile - Amistoso

13700 Chile - Amistoso

13800 Chile - Amistoso

13900 Chile - Amistoso

14000 Chile - Amistoso

14100 Chile - Amistoso

14200 Chile - Amistoso

14300 Chile - Amistoso

14400 Chile - Amistoso

14500 Chile - Amistoso

14600 Chile - Amistoso

14700 Chile - Amistoso

14800 Chile - Amistoso

14900 Chile - Amistoso

15000 Chile - Amistoso

15100 Chile - Amistoso

15200 Chile - Amistoso

15300 Chile - Amistoso

15400 Chile - Amistoso

15500 Chile - Amistoso

15600 Chile - Amistoso

15700 Chile - Amistoso

15800 Chile - Amistoso

15900 Chile - Amistoso

16000 Chile - Amistoso

16100 Chile - Amistoso

16200 Chile - Amistoso

16300 Chile - Amistoso

16400 Chile - Amistoso

16500 Chile - Amistoso

16600 Chile - Amistoso

16700 Chile - Amistoso

16800 Chile - Amistoso

16900 Chile - Amistoso

17000 Chile - Amistoso

17100 Chile - Amistoso

17200 Chile - Amistoso

17300 Chile - Amistoso

17400 Chile - Amistoso

17500 Chile - Amistoso

17600 Chile - Amistoso

17700 Chile - Amistoso

17800 Chile - Amistoso

17900 Chile - Amistoso

18000 Chile - Amistoso

18100 Chile - Amistoso

18200 Chile - Amistoso

18300 Chile - Amistoso

18400 Chile - Amistoso

18500 Chile - Amistoso

18600 Chile - Amistoso

18700 Chile - Amistoso

18800 Chile - Amistoso

18900 Chile - Amistoso

19000 Chile - Amistoso

19100 Chile - Amistoso

19200 Chile - Amistoso

19300 Chile - Amistoso

19400 Chile - Amistoso

19500 Chile - Amistoso

19600 Chile - Amistoso

19700 Chile - Amistoso

19800 Chile - Amistoso

19900 Chile - Amistoso

20000 Chile - Amistoso

20100 Chile - Amistoso

20200 Chile - Amistoso

20300 Chile - Amistoso

20400 Chile - Amistoso

20500 Chile - Amistoso

20600 Chile - Amistoso

20700 Chile - Amistoso

20800 Chile - Amistoso

20900 Chile - Amistoso

21000 Chile - Amistoso

21100 Chile - Amistoso

21200 Chile - Amistoso

21300 Chile - Amistoso

21400 Chile - Amistoso

21500 Chile - Amistoso

21600 Chile - Amistoso

21700 Chile - Amistoso

21800 Chile - Amistoso

21900 Chile - Amistoso

22000 Chile - Amistoso

22100 Chile - Amistoso

22200 Chile - Amistoso

22300 Chile - Amistoso

22400 Chile - Amistoso

22500 Chile - Amistoso

22600 Chile - Amistoso

22700 Chile - Amistoso

22800 Chile - Amistoso

22900 Chile - Amistoso

23000 Chile - Amistoso

23100 Chile - Amistoso

23200 Chile - Amistoso

23300 Chile - Amistoso

23400 Chile - Amistoso

23500 Chile - Amistoso

23600 Chile - Amistoso

23700 Chile - Amistoso

23800 Chile - Amistoso

23900 Chile - Amistoso

24000 Chile - Amistoso

24100 Chile - Amistoso

24200 Chile - Amistoso

24300 Chile - Amistoso

24400 Chile - Amistoso

24500 Chile - Amistoso

24600 Chile - Amistoso

24700 Chile - Amistoso

24800 Chile - Amistoso

24900 Chile - Amistoso

25000 Chile - Amistoso

25100 Chile - Amistoso

25200 Chile - Amistoso

25300 Chile - Amistoso

25400 Chile - Amistoso

25500 Chile - Amistoso

25600 Chile - Amistoso

25700 Chile - Amistoso